



**O Desenvolvimento  
da Idéia e da Prática  
da Ciência Cristã**

**Max Kappeler**

Traduzido para o Inglês por Kathleen Lee da edição alemã  
*Die Entwicklung der Christlichen Wissenschaften Idee and Praxis*  
Traduzido para o Português do Brasil por Guita R. Herman a partir da versão inglesa

© Max Kappeler 1970  
© Kappeler Institute for the Science of Being USA 2004  
[Instituto Kappeler para a Ciência do Ser]

ISBN# 0-85241-092-1  
*Primeira edição* 1970  
*Reimpressão* 2004  
*Edição em Português* 2011

Exceto o que for permitido pelo Ato de Direitos Autorais dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte deste documento pode ser reproduzida, ou distribuída por quaisquer formas ou meios, e nem ser armazenadas em banco de dados ou sistema de recuperação sem autorização prévia do Instituto Kappeler.

Desenho da capa, J.C. Sprott  
<http://sprott.physics.wisc.edu/fractals.htm>

**Um exemplar impresso deste livro  
pode ser encomendado no  
Instituto Kappeler USA por um preço acessível. Solicite-o:**



**Kappeler Institute for the Science of Being USA**  
[Centro de Informação e Comunicação:]  
P.O. Box 99735  
Seattle, WA 98139-0735  
Tel: 206 286-1617 • Fax: 206 286-1675  
E-mail: [mail@kappelerinstitute.org](mailto:mail@kappelerinstitute.org)  
[www.kappelerinstitute.org](http://www.kappelerinstitute.org)

## **Nota ao Leitor**

Este volume é a segunda edição do trabalho original de Max Kappeler, assim sendo a numeração das páginas desta edição não corresponde àquela da edição original. As mudanças no texto foram mínimas e as notas no final do livro passaram a ser notas de rodapé. Esta reestruturação editorial afeta apenas as situações nas quais Kappeler ou outros autores façam referência a um número de página específico neste livro.

## **Notas da Tradutora**

1. As citações da Bíblia são da tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Imprensa Bíblica Brasileira.
2. As citações do Livro-Texto “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras” de Mary Baker Eddy são do texto autorizado traduzido em Português, publicado pela Primeira Igreja de Cristo Cientista de Boston, Massachusetts, USA, impressão de 1990.
3. As demais citações das obras de e sobre Mary Baker Eddy e seus alunos foram traduzidas a partir da versão inglesa deste livro.
4. A expressão idéia do Cristo foi utilizada para traduzir a noção de “Christ-idea,” que representa “a lei de Deus que trabalha com o ideal divino através de um desenvolvimento regular, executando e realizando o plano de Deus de modo irresistível.” “O Cristo expressa a natureza eterna de Deus existindo independentemente do tempo e do espaço.” O termo idéia não significa uma “imagem no pensamento” mas é análogo à noção platônica de “imagem espiritual.” (Veja “The Christ-idea,” de Max Kappeler, páginas 4 e 5, publicação do K I).

## Abreviações

Estas abreviações se referem aos trabalhos de e sobre Mary Baker Eddy

C&S	Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras
Coll.	<i>Course in Divinity and General Collectanea of items by and about Mary Baker Eddy.</i> Colecionados por Gilbert C Carpenter Jr., publicados por Richard f. Oakes (London, 1958). Também conhecido como o “Livro Azul”
Ess.	Essays and Other Footprints, published by Richard F Oakes (London, 1959). Também conhecido como o “Livro Vermelho”
Fp. F	Footprints Fadeless (1902). Re-impresos por Richard F. Oakes (London, 1959)
Hea.	Christian Healing
His. Sk.	Historical Sketch of Metaphysical Healing (1885)
Mis.	Miscellaneous Writings
Mis. Doc.	<i>Miscellaneous Documents Relating to Christian Science and its Discoverer and Founder Mary Baker Eddy.</i> Colecionados por Gilbert C. Carpenter, CSB, e publicados pela Carpenter Foundation, Providence, RI, 1961
My.	The First Church of Christ, Scientist, and Miscellany
Un.	Unity of Good
No.	No and Yes
Ret.	Retrospection and Introspection
R.P.	Repaid Pages (1896). Reprinted by Richard F Oakes (London, 1958)
Rud.	Rudimental Divine Science
Un.	Unity of Good
‘00	Message to The Mother Church, June 1900
‘01	Message to The Mother Church, June 1901

“A Ciência Cristã e os Cientistas Cristãos terão,  
*deverão* ter uma história.”

Mary Baker Eddy  
(Mis. 106:3)

## Uma Mensagem de Max Kappeler

Prezados Leitores,

O texto principal da primeira parte deste livro—“O Desenvolvimento da Idéia da Ciência Cristã”—foi publicado numa brochura de quatro artigos de autores diversos intitulada “Ciência Cristã—Sua Contínua Evolução” por ocasião do centenário da Ciência Cristã (1866–1966). Naquela época estimou-se que seria oportuno um levantamento amplo do desenvolvimento da prática da Ciência Cristã. A segunda parte deste livro foi adicionada pela mesma razão. Nesta edição revista, baseada na tradução da edição alemã de 1968, elaborei um pouco mais a seção: “A Cura pela Ciência” e fiz algumas alterações editoriais.

Desde 1968, a idéia da Ciência Cristã vem se desenvolvendo naturalmente, passo a passo, penetrando cada vez mais na consciência. Os resultados desta observação foram publicados no meu livro intitulado: “Os Quatro Níveis da Consciência Espiritual—Ciência em Si mesma, Ciência divina, Ciência Cristã absoluta, e Ciência Cristã” (1970). Desta feita, o tema deste livro deve ser estudado em conjunto com o livro sobre os quatro níveis.

O assunto é vasto e jamais foi feita tentativa alguma para tratar dele de modo extensivo. Um breve levantamento foi considerado apropriado para mostrar o fio ininterrupto que vem se desenrolando durante o último século da história da Ciência Cristã. Isto se justifica ainda mais, uma vez que já existe uma literatura abrangente acerca do desenvolvimento da idéia da Ciência Cristã durante a última metade do século XX e a primeira parte do século XXI.

*Max Kappeler.*

Zurique, Outono de 2002

## ÍNDICE

### Parte I

#### O DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA DA CIÊNCIA CRISTÃ

1. Da Bíblia à Ciência Cristã .....	1
2. O constante desenvolvimento do manifesto da Ciência Cristã .....	2
3. A descoberta gradual da Ciência no Livro-Texto .....	5
4. A estrutura viva do Livro-Texto é a estrutura do homem .....	11

### Parte II

#### O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DA CIÊNCIA CRISTÃ

O benefício de um levantamento histórico .....	13
1. O período formativo .....	14
2. A descoberta da cura pela Mente .....	17
3. A cura pela argumentação .....	21
4. A cura através de idéias divinas .....	26
5. A cura através da unicidade do Ser .....	36
6. Curando através da Ciência do Ser .....	41
(a) Curando através da Ciência Cristã .....	45
(b) A cura pela Ciência Cristã absoluta .....	56
(c) A cura pela Ciência divina .....	61
(d) A cura através da Ciência em si mesma .....	63
Sobre o Autor .....	66
Sobre a Ciência da Ciência Cristã .....	67

## Parte I

# O DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA DA CIÊNCIA CRISTÃ

### 1. Da Bíblia à Ciência Cristã

O Princípio divino do ser é infinito; a sua auto-interpretação nunca chega a um final climático ou acaba, mas se desenvolve para sempre. Cada vez que a luz do Princípio penetra a névoa da ignorância, a humanidade a recebe como uma nova visão que passa a se chamar: uma revelação de Deus. Há sempre homens e mulheres transparentes o suficiente para permitir que a mensagem do Princípio brilhe através deles e tornando-os espiritualmente iluminados, e capacitados a tornar-se o núcleo de um novo e mais amplo movimento de pensamento inspirado, que com o avanço do tempo conduz o homem a alturas mais divinas.

É próprio da natureza do Princípio o fato de ele não se encontrar em idéias fragmentarias.<sup>1</sup> O Princípio tem ordem e sistema; desta feita, as suas revelações sucessivas aparecem em uma ordem divina, revelando o sistema da Ciência do Ser espiritual. A Bíblia, quando vista pela auto-interpretação do Princípio, se desdobra na ordem do *modus operandi* espiritual do Princípio divino simbolizado pela Cidade Santa, pelos seus quatro lados iguais que a Sra. Eddy define como o Verbo, o Cristo, a Cristandade, e a Ciência divina.<sup>2</sup> O Princípio Divino se precipitou sobre a humanidade em sua busca, primeiramente como o Princípio interpretando o seu próprio *Verbo*, revelando aos patriarcas e aos profetas a natureza espiritual de Deus. Depois chegou o tempo certo para a segunda fase, quando os profetas entenderam o significado do *Cristo* do Princípio como a idéia de Deus que “Ao revés, ao revés, ao revés o porei; também o que é não continuará assim, até que venha aquele a quem pertence de direito; e lho darei a ele.” (Ezequiel 21:27). Esta fase atingiu sua expressão máxima no homem Jesus Cristo. Na terceira etapa, a *Cristandade* do Princípio despontou no pensamento humano usando a pureza de Maria e a missão Cristã de Jesus para introduzir a Cristandade, a

---

<sup>1</sup>Veja C&S 302:1-1.

<sup>2</sup>Veja C&S 575:17-19.

reflexão consciente da idéia do Cristo (Christ-idea) nos assuntos humanos, demonstrando assim a coincidência humana e divina.

A Cristandade se expandiu em larga escala, porém a sua essência viva quase se perdeu por que a época ainda não estava pronta para que o pensamento se familiarizasse de maneira inteligente com o quarto lado da Cidade Santa, a saber, a *Ciência*. O pensamento religioso, voltado para os rituais, as crenças e a fé como o caminho dos céus, bloqueava a porta da *Ciência*, e é somente por esta porta que podemos ingressar plenamente no campo do real. Mas o Princípio generosamente preparou uma mentalidade benevolente e pura o suficiente para conceber a união da Cristandade com a *Ciência* e se auto-interpretou para a humanidade como uma *Ciência* que pode ser compreendida espiritualmente e demonstrada por todos. A mentalidade da Sra. Eddy sendo desta natureza foi usada pelo propósito do Princípio de se auto-explicar na sua *Ciência* e sistema. Ela vislumbrou estas visões gloriosas em 1866. Mesmo sabendo que “as curas nos tempos do primitivo tratamento cristão se efetuavam por uma fé santa e enaltecida,” ela estava firmemente convencida que a sua missão era elevar a Cristandade para além da fé santa à “*Ciência* destas curas” (C&S 109:18–20).

## **2. O constante desenvolvimento do manifesto da *Ciência* Cristã**

Quando uma idéia nova se revela ao pensamento humano, ela pode aparecer como um relâmpago, ou seja, ela não é vislumbrada desde o início na sua identidade completa sem que sejam necessários maiores esclarecimentos. Saulo, por exemplo, no caminho de Damasco, foi repentinamente envolvido por uma luz celestial e pôde identificar Jesus como o Cristo; foram, porém, necessários sete anos de solidão na Arábia e em Tarso para que ele ponderasse sobre esta revelação antes de poder começar a expô-la a outrem. Assim foi com a Sra. Eddy. Mesmo tendo ganho no final de 1866<sup>3</sup> a certeza de ter descoberto o fator principal na *Ciência* da Mente, a saber, “que a Mente é Tudo e a matéria nada é” (C&S 109:18–20), a Sra. Eddy levou o resto da sua vida para declarar em terminologia científica inequívoca os elementos constituintes desta *Ciência* em todas as suas classificações. Passaram-se nove anos até que ela pôde escrever a primeira edição de “*Ciência* e Saúde,” na qual ela apresentou aquilo que denominou “a completa declaração da *Ciência* Cristã” (Ret.

---

<sup>3</sup>Veja Ret. 24:9.

37:2). A partir de então, revisão após revisão do seu querido Livro-Texto sucederam-se com rapidez. Isto indica o quanto o seu pensamento se expandia constantemente tornando-a capaz de definir cada vez mais clara e amplamente a revelação da sua Ciência. Ela “urgia” seus estudantes a manter o passo com ela, estudando as mais recentes edições do seu Livro-Texto, declarando finalmente que aquilo que ela escrevera vinte e cinco anos antes ela “não consideraria um precedente para o estudante atual desta Ciência” (My. 237:5).

Quando a revelação da Ciência Cristã despontou inicialmente no pensamento da Sra. Eddy, um mundo novo se abriu a sua frente: o mundo da Mente Total. As verdades da nova revelação inundaram a sua consciência, e ela as declarou diretamente nas primeiras edições de “Ciência e Saúde.” Por seu intermédio, o pensamento dos estudantes foi ressuscitado do testemunho sensorial para o senso da Alma, o pensamento mortal foi substituído pelas idéias da Alma—a água se tornou vinho. Ela declarou o que constitui as identidades imutáveis do ser.

O Princípio, porém, requer não somente a declaração das suas verdades, mas também que estas sejam expressas em ordem e sistema. Em 1889, obedecendo os comandos da *ordem divina* do Princípio, a Sra. Eddy deixou a cidade de Boston e a “prosperidade sem precedentes” do seu trabalho, e “buscou, na solidão e no silêncio, um entendimento mais elevado da união científica absoluta que deve existir entre o ensinamento e a letra da Cristandade e o seu espírito, que reside eternamente na Mente Divina, ou Princípio do Ser do homem, e que se revela através do caráter humano” (My 246:13–18). Ela revisou “Ciência e Saúde,” e o resultado foi a 50ª edição (1891). Durante o processo de revisão ela escreveu que “a luz e o poder da concomitância divina do Espírito e do Verbo apareceram” (My. 246:20).

Para a Sra. Eddy, a letra absoluta e o espírito eram uma unidade indivisível. Nesta nova revisão ela completou a tarefa excepcional de unir a letra e o espírito e assim, ela se refere a esta edição (na qual trabalhou de 1889 a 1890) como “uma das mais adaptadas para espiritualizar o pensamento e elucidar a cura e o ensinamento científicos.” Por que? Porque “a organização” daquela edição “torna a matéria mais clara do que em qualquer edição anterior” (Ret. 82:28–83:1).

O que ocorreu quanto a organização do texto naquele ponto? Pela primeira vez, “Ciência e Saúde” incluía todos os capítulos da última edição (exceto “Frutos”), porém o mais importante era a nova organização do texto em cada capítulo. Ao comparar o texto desta 50ª edição com a edição precedente, notamos que as verdades declaradas não mudaram como tal,

mas o arranjo da sua ordem mudara consideravelmente. É como se o texto antigo fora reorganizado, sentença por sentença e parágrafo por parágrafo em uma nova ordem. As declarações da verdade como tal, são meramente declarações de fatos verdadeiros; elas se tornam declarações científicas quando são colocadas em relações precisas umas com as outras e integradas num sistema coerente. É necessário declarar as verdades em relações que conduzam pensamento do estudante em uma ordem espiritual a partir de uma dada proposição até o ponto de realização. Cada estágio deve se desenvolver naturalmente e de uma maneira divinamente lógica a partir do estágio precedente e preparar o terreno para o próximo.

Nesta nova revisão de 1891, a Sra. Eddy escreveu pela primeira vez que “a ordem natural do céu desce à terra” (C&S 118:31–32). Ela já havia organizado o texto anterior para que o assunto seguisse a “ordem natural” do Verbo Divino como Mente, Espírito, Alma, Princípio, Vida, Verdade, e Amor; ou seja na mesma ordem citada na definição de Deus.<sup>4</sup> Uma mera reorganização textual permitiu ao Princípio interpretar-se a si mesmo numa ordem espiritual. O entendimento das idéias que caracterizam especificamente cada um dos termos sinônimos permite ao estudante reconhecer que na 50<sup>a</sup> edição, os temas do texto de cada capítulo se desenvolvem numa ordem espiritual e científica, primeiramente através das idéias da Mente, depois pelas idéias do Espírito, depois pelas idéias da Alma, e assim por diante até as idéias do Amor. O valor da revisão fica evidente. Por meio da ordem espiritual, a letra se une ao espírito, e assim o texto se torna “apto a espiritualizar o pensamento” (Ret. 82:30). “O novo volume é proeminentemente um livro do Espírito. E isto não é para intimar a ausência da letra; mas para demandar que o estudante consciencioso do novo ‘Ciência e Saúde’ não permaneça meramente na sua letra. Ele deve se retirar desta para as glórias da Verdade que está se revelando.”<sup>5</sup> Nós sabemos que frases isoladas podem elevar o estado mental, mas apenas através de um entendimento da ordem espiritual que governa as suas relações a palavra inspirada é capaz de induzir e produzir o seu espírito. A ordem divina revela então o espírito da Verdade pelo qual se produz o novo nascimento—o eterno nascimento para a realidade espiritual.

Entretanto o Princípio da Ciência não se baseia apenas em ordem, mas também em sistema, ou seja, na organização correta da ordem divina. Por conseguinte, o Princípio impele a manifestação do seu próprio sistema, e a

---

<sup>4</sup>Veja C&S 465:10.

<sup>5</sup>The Christian Science Journal, April 1891.

Sra. Eddy, sempre pronta a escutar mais atentamente a interpretação do Princípio, percebeu o seu tom e fez outra mudança fundamental na 226ª edição de “Ciência e Saúde” em 1902. Ela reorganizou a ordem dos 16 capítulos, colocando-os na seqüência que temos na edição final.<sup>6</sup> Eles agora seguem a ordem do *modus operandi* do Verbo, Cristo, Cristandade, e Ciência, os quatro lados iguais da Cidade Santa, cada lado refletindo o outro (4x4=16), de modo que os quatro primeiros capítulos apresentam quatro aspectos distintos do Verbo (Cap. 1, o Verbo refletindo o Verbo; Cap. 2, o Verbo refletindo o Cristo; Cap. 3, o Verbo refletindo a Cristandade; Cap. 4, o Verbo refletindo a Ciência). Os quatro capítulos seguintes apresentam os quatro aspectos distintos do Cristo; os próximos quatro, os quatro aspectos distintos da Cristandade; e os últimos quatro, a Ciência nos seus quatro aspectos.<sup>7</sup>

O grande plano de auto-interpretação do Princípio em seu sistema divino finalmente tomou forma. Mudanças textuais subseqüentes foram efetuadas apenas com o fim de colocar frases ou declarações isoladas em harmonia com este plano geral. Em 1907, apareceu pela primeira vez a afirmação suprema, “Um só é o Princípio e sua idéia, e esse um é Deus” (C&S 465:20), acentuando a unicidade do Ser como a declaração básica da descoberta da Sra. Eddy. Ainda em 1907, a definição de Deus em “Recapitulação” foi modificada passando de oito para sete termos sinônimos, e estes aparecem pela primeira vez na ordem em que, desde 1891, os tópicos de cada capítulo foram organizados textualmente. Assim, a partir de 1907 a definição de Deus foi colocada em consonância com a ordem espiritual do texto de cada capítulo. A unicidade do Ser fora finalmente declarada na ordem e no sistema do Princípio.

### **3. A descoberta gradual da Ciência no Livro-Texto**

Não é fácil determinar o quanto a Sra. Eddy estava ciente do sistema divino exposto por ela no Livro-Texto. Sabemos apenas que estudava avidamente o seu próprio trabalho, e que muitas vezes ela se maravilhava com o que “aquela mulher” escrevera, e que ao escrever “Ciência e Saúde”

---

<sup>6</sup>O texto consecutivo de “Ciência e Saúde” enquanto Livro-Texto termina com o 16º capítulo “O Apocalipse.” No final deste capítulo, a Sra. Eddy escreve que “a percepção tênue que a autora tem atualmente da Ciência Cristã termina com a Revelação de São João” (C&S 577:28-29). Ela também descreve o capítulo seguinte como “acrescentado” (veja C&S 579:4).

<sup>7</sup>Veja Max Kappeler, *The Structure of the Christian Science Textbook—Our Way of Life*. Vol. I: *Revelation of the Structure* (Seattle: Kappeler Institute Publishing USA, 1954).

ela pouco entendia o que ela havia composto.<sup>8</sup> Ela também disse que “vinha aprendendo o significado mais elevado deste livro desde que o escrevera” (My.114:26), e na conclusão do seu Livro-Texto se referiu humildemente ao seu entendimento como “a percepção tênue que a autora atualmente tem da Ciência Cristã” (C&S 577:28). O quanto a Sra. Eddy realmente entendia sobre a constituição do sistema científico da Ciência Cristã, não a impediu de transcrever o que Deus revelara,<sup>9</sup> nem de ser um “escriba ecoando as harmonias do céu na metafísica divina” (My.115:7).

Ela foi bem franca, porém, ao declarar que seus contemporâneos não poderiam decifrar a Ciência da sua descoberta. Ela afirmou que “apenas uma metade, comparada com o todo das Escrituras e do Livro-Texto da Ciência Cristã, foi assimilada espiritualmente pelos investigadores mais leais” (Mis 317:14). Os pioneiros espirituais estão sempre adiante da tendência geral do pensamento da sua época, de modo que seu trabalho deve ser colocado nas mãos da Providência divina; e sabendo que o Princípio e sua idéia é um, o Princípio divino sempre encontrará um meio de revelar continuamente a sua idéia. Assim como Moisés, o grande descobridor do “EU SOU AQUELE EU SOU,” teve que deixar que seu seguidor, Josué, conduzisse os filhos de Israel à Terra Prometida, assim como Jesus, que revelou e demonstrou que “Eu e meu Pai somos um” (João 10:30), teve que deixar que seus discípulos e os apóstolos trouxessem o Evangelho “perante os gentios e reis” (Atos 9:15), assim também a Sra. Eddy, que trabalhou toda a sua vida para declarar o Princípio na sua Ciência, teve que deixar que gerações vindouras viessem a descobrir nos seus escritos *aquilo que constitui a Ciência da Ciência Cristã*.

Durante os seus últimos anos, a Sra. Eddy estava preocupada porque a sua descoberta da Ciência Cristã vinha sendo aceita na base da crença e da fé; ela temia que a Ciência Cristã se perdesse novamente se não viesse a ser abordada a partir do entendimento científico. Isto foi expresso claramente no seu artigo “Princípio e Prática,”<sup>10</sup> ditado por ela em 1910 um pouco antes que ela deixasse o palco humano. Neste artigo, ela é enfática ao afirmar que a Ciência Cristã se baseia sobre um Princípio fixo, cuja operação o praticante deve entender, e não meramente crer, que as curas pela fé são erroneamente chamadas de Ciência Cristã, e que “a não ser que a fé humana venha a se distinguir da cura científica, a Ciência Cristã perder-se-á novamente.” Para cumprir a sua missão, a Ciência Cristã precisa ser entendida com o termo

---

<sup>8</sup>Veja My. 27:4-5.

<sup>9</sup>Veja Mis. 311: 26-99.

<sup>10</sup>Publicado no *The Christian Science Sentinel*, September 1, 1917.

Ciência tomado no sentido adotado pela Sra. Eddy, ou seja, como “a atmosfera de Deus,” e como “conhecimento devidamente organizado e referente a verdades gerais e princípios sobre os quais ele se fundamenta e dos quais deriva” (No. 9:25–10:1).

É característico do revelador espiritual inspirado dar aos seus contemporâneos somente aquilo que eles podem tolerar. Jesus disse: “ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não podeis suportar agora” (João 16:12). Do mesmo modo, a Sra. Eddy sabia que só futuras gerações seriam capazes de declarar com clareza aquilo que ela descobrira. Em *Ciência e Saúde*, sob o título marginal “Descoberta mais elevada,” ela profetiza que a sua descoberta científica “acumulará gradativamente ímpeto e clareza, até alcançar o ponto culminante da exposição e comprovação científicas” (C&S 380:26). Ela sabia que a auto-interpretação do Princípio continuaria se desenvolvendo e conseqüentemente os Cientistas Cristãos deverão estar abertos e acatar os esclarecimentos ulteriores acerca da estrutura científica do seu Livro-Texto.

A Sra. Eddy faz algumas alusões bem diretas quanto ao futuro desenvolvimento da sua descoberta. Em 1887, ela escreve em “Cautela na Verdade:” “A Ciência da harmonia física, apresentando-se agora ao povo na luz divina, é radical o suficiente para promover colisões de pensamento tão fortes quanto a época pode tolerar” (Un. 6:10). Neste artigo ela explica que sua descoberta, a Ciência divina, era para ela a Ciência da harmonia espiritual, mas que a era na qual vivia podia concebê-la apenas no seu sentido inferior, como “a Ciência da harmonia física.” No entanto ela profetizou que: quando “os peões da Ciência Cristã estiverem minuciosamente treinados no manual mais simples do seu arsenal espiritual ... em menos de 50 anos (antes de 1937) o Seu nome será ampliado na apreensão deste novo assunto.”<sup>11</sup> E isto de fato ocorreu. A impulsão ininterrupta do Princípio para se explicar a si mesmo na sua Ciência (como declarado em “*Ciência e Saúde*”), prosseguiu sem cessar, usando a mentalidade que estava preparada para o entendimento daquilo que constitui a Ciência da Ciência Cristã. Tendo entendido a idéia da unicidade do Ser—que o Princípio e a sua idéia é um—John W. Doorly, C.S.B. da Inglaterra, pode observar que a unicidade do Ser não deve ser uma meta científica, mas antes é a base científica a partir da qual se deve avançar. Meramente pensar em termos da unicidade do Ser sem entender seus componentes científicos—suas leis, ordens, regras, classificações e

---

<sup>11</sup>Veja Un.6: 22–25.

categorias—é deixar o pensamento às soltas. A unicidade do Ser precisa ser explicada no seu *sistema divinamente científico*.

Dado que John Doorly era receptivo quanto a nova luz precisamente nesta direção, o Princípio se interpretou a si mesmo para ele primeiro como uma *ordem divina fundamental*. De 1916 a 1936, ele começou a perceber que a ordem dos sete termos dada no “Terceiro Grau” da “Tradução Científica da Mente Mortal” (C&S 116:2–3) corresponde à ordem dos “números do infinito, chamados *sete dias*” (C&S 520:10), “a Ciência da criação... declarada em ordem matemática” (Mis. 57:27–28); estes por sua vez correspondem às qualidades divinas encontradas nas sete primeiras declarações do Sermão da Montanha, e nas sete afirmações do Pai Nosso; e que todas elas correspondem à ordem das idéias características dos 7 termos sinônimos de Deus expostas em “Ciência e Saúde.”<sup>12</sup> Com estes achados, a Ciência da harmonia espiritual foi introduzida por volta de 1936–1937, cumprindo a profecia da Sra. Eddy. Assim, enquanto o pensamento da época esperava que algo de fenomenal ocorresse exteriormente como a consumação da sua profecia, a idéia científica nasceu, como toda grande idéia usualmente nasce, em “sigilo sagrado.”

Neste momento as comportas da Ciência se abriram e a revelação científica se precipitou em numa velocidade assustadora. Assim foi revelado que os quatro lados da Cidade Santa representavam o *infinito cálculo divino* (veja C&S 520:10–15), pelo qual os 7 termos sinônimos de Deus operam em 4 ordens distintas pelo Verbo, o Cristo, a Cristandade, e a Ciência. A seguir se revelaram os quatro níveis da Ciência, a saber, o nível da Ciência Cristã, da Ciência Cristã absoluta, da Ciência divina,<sup>13</sup> e finalmente, o nível da Ciência em si.<sup>14</sup>

A chave da Ciência Cristã fora encontrada, e com esta chave a Ciência da Bíblia pôde ser desvendada. A Bíblia ganhou outro sentido. Pela primeira vez na história da humanidade pôde ser constatado que subjacente a cada livro da Bíblia se encontra uma ordem de idéias espiritual e científica. Traduzida da linguagem bíblica para uma linguagem da Ciência, a Bíblia não apenas se torna um Livro-Texto espiritual para o presente, mas apresenta também uma consonância exata com o texto de “Ciência e Saúde” na sua Ciência. Deste modo cumpriu-se a profecia da Sra. Eddy: “Prevejo e predigo

---

<sup>12</sup>Veja C&S 465:10.

<sup>13</sup>John W. Doorly, *The Pure Science of Christian Science* (London: The Foundational Book Company for the John W. Doorly Trust, 1946).

<sup>14</sup>John W. Doorly, *Oxford Summer School 1949, Vol. 2* (London: The Foundational Book Company for the John W. Doorly Trust, 1949) p. 270.

que cada época mais avançada da Verdade será caracterizada por uma compreensão mais espiritual das Escrituras, que mostrará sua marcada consonância com o Livro-Texto da cura pela Mente na Ciência Cristã, “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras.” A interpretação do Verbo numa “linguagem nova” mediante a qual os enfermos são curados, evoca naturalmente uma paráfrase nova do mundo das letras” (Mis. 363:30). Doorly publicou os seus achados sobre a Bíblia no final da década de 1940 nas suas “Conferências sobre a Ciência da Bíblia” (13 volumes). Mais tarde foi descoberto que todos os livros da Bíblia se combinam em uma estrutura científica espiritual, cuja totalidade corresponde ao plano do próprio Princípio.<sup>15</sup>

Com estes instrumentos espirituais e científicos, a descoberta *da estrutura científica coerente no Livro-Texto da Ciência Cristã* em si, foi uma etapa natural.<sup>16</sup> O Espírito de Deus usou a Sra. Eddy para colocar em ordem divina primeiro as suas afirmações na 50ª edição (1891), e depois os 16 capítulos da 226ª edição (1902), mais foi apenas no começo da década de 1950 que esta estrutura divinamente científica ficou aparente. A partir de então, o Livro-Texto, da primeira à sua última página dos seus 16 capítulos, poderia ser entendido como uma história consistente, coerente e espiritual, cada capítulo necessitando a contribuição espiritual do capítulo precedente, e inexoravelmente impelindo o tema ao capítulo seguinte. Deste modo o Livro-Texto apresenta a verdadeira jornada espiritual individual de cada estudante, “o caminho da Vida” de cada um. “Ciência e Saúde” significa muito mais do que apenas “a Ciência da harmonia física,” ele apresenta a Ciência da Vida no seu sentido infinito. A Ciência Cristã é realmente um caminho de Vida.

Hoje em dia, a era da cibernética alvorece sobre a humanidade pressagiando a aceitação da Ciência de todas as ciências. Todo avanço aparecendo no âmbito humano prefigura sempre uma idéia divina. Um estudo dos três conjuntos dos termos capitalizados relativos a Deus em “Ciência e Saúde” — (1) Mente, Espírito, Alma, Princípio, Vida, Verdade, e Amor; (2) Verbo, Cristo, Cristandade, e Ciência; (3) Ciência em si, Ciência divina, Ciência Cristã absoluta, Ciência Cristã — torna evidente que uma vez entendidos nas suas inter-relações, eles passam a constituir os elementos

---

<sup>15</sup>W. Gordon Brown, *From Genesis to Revelation* (London: Gordon & Estelle Brown, 1957).

<sup>16</sup>Max Kappeler, *The Structure of the Christian Science Textbook—Our Way of Life. Vol. 1: Revelation of the Structure* (Seattle: Kappeler Institute Publishing USA, 1954).

básicos da cibernética divina.<sup>17</sup> A cibernética divina trata do Ser uno como um sistema divino que se auto-organiza, movido por um circuito auto-regulador embutido, que apresenta uma dinâmica de auto-prevenção e auto-correção de erros. Este desenvolvimento exige naturalmente uma estrutura de consciência completamente nova.

Revendo o desenvolvimento da Ciência Cristã nos últimos cem anos com a perspectiva mais ampla de uma compreensão espiritual das diversas etapas, não podemos deixar de nos impressionar de como a idéia do Cristo jamais cessou apresentar a Ciência do Ser cada vez mais nitidamente. Ainda que o esplendor da Verdade despontou plenamente na sua consciência em 1866, a Sra. Eddy estava ciente de que uma exposição infalível da sua a revelação não poderia ser fruto do trabalho de um dia, e que o seu Livro-Texto não seria imediatamente entendido na sua inteireza: “Um livro apresenta pensamentos novos, mas não pode fazer com que sejam rapidamente compreendidos... Os tempos vindouros terão de contar o que o pioneiro realizou” (C&S vii: 22–26). Ela constatou que “séculos intervirão antes que as exposições dos tópicos inesgotáveis de “Ciência e Saúde” sejam suficientemente compreendidos para poderem ser completamente demonstrados” (Ret. 84:1).

A própria Sra. Eddy teve que se esforçar constantemente para ganhar uma compreensão mais clara do seu próprio livro. Seis meses antes de ela nos deixar, ela declarou a um estudante: “Sinto que estou apenas começando a entender “Ciência e Saúde.”<sup>18</sup> Ela se apoiava na convicção de que a idéia do Cristo (Christ-idea) inspiraria gerações posteriores para sondar o assunto mais profundamente, como afirmou nesta declaração assinada: “Calculo que dentro de mais ou menos meio século o homem terá diante de si aquilo que Deus preparou para elevar o Seu padrão da Ciência Cristã.”<sup>19</sup> É interessante notar que apesar do Livro-Texto ter passado por inúmeras revisões e ter centenas de edições, “até 10 de Junho de 1907 ela nunca lera esse livro inteira e consecutivamente a fim de elucidar seu idealismo” (C&S xii:20). Foram necessários outros cinquenta anos para que despontasse a compreensão daquilo que constitui este idealismo e para que “Ciência e Saúde” fosse apreciado como um livro científico na própria acepção da palavra. E por que tal fato permaneceu oculto por tanto tempo? Porque é característico do gênio do revelador esconder o mistério da divindade até

---

<sup>17</sup>Max Kappeler, *The Four Levels Of Spiritual Consciousness—Science itself divine Science, absolute Christian Science*, Christian Science (Seattle: Kappeler Institute Publishing USA, 1970).

<sup>18</sup>Mis. Doc., p. 141 (Contribuição de Edward E. Norwood).

<sup>19</sup>Coll. p. 97 (a data estimada é Agosto de 1909).

que ele se revele a si mesmo numa era mais receptiva. Quando a Sra. Eddy concluiu a edição final de “Ciência e Saúde,” diz-se que ela confiou a Laura Sargent, que vivera por muitos anos em sua casa: “Veja, Laura, coloquei a minha descoberta lá fora, na mente mortal, e tanto a escondi, que se a escondesse um pouco mais, ela se perderia.”<sup>20</sup>

Vemos então que a linha da luz nunca pára, porque o Princípio desenvolve a sua idéia infinitamente. Deste modo, “os pronunciamentos sucessivos dos reformadores são essenciais à sua propagação” (’01 30:5), e “os reveladores pessoais tomarão o seu devido lugar na história, mas não serão deificados” (Mis. 308:9). A idéia prossegue continuamente e jamais se perderá.

#### **4. A estrutura viva do Livro-Texto é a estrutura do homem**

Mais de um século se passou desde a primeira auto-identificação do Princípio com a revelação da Ciência Cristã, em 1866. Hoje podemos observar em retrospecto o desenrolar gradativo desta revelação. Primeiramente, no tempo da Sra. Eddy, a revelação obteve a clareza de um postulado. Depois de ela nos ter deixado, o texto revelou a sua estrutura científica. No final do seu Livro-Texto, a Sra. Eddy nos pede: “Vai, e toma o pequeno livro... Toma-o e devora-o... Tomai a Ciência divina. Lede esse livro do começo ao fim. Estudai-o, ponderai-o” (C&S 559:17–21). Com a revelação da letra científica todos podem estudá-la e ponderá-la, imbuindo-se assim do seu espírito, de modo que o Livro-Texto passa a ser a verdadeira estrutura viva do homem, o homem genérico que liderará através dos séculos.

A compreensão da estrutura do Livro-Texto—e não somente de frases isoladas, permite que o homem se dê conta do seu ser como um infinito cálculo divino, incorporando de maneira real o significado da cidade quadrangular e tornando-se ele mesmo a própria idéia desta cidade. Isto está de acordo com as palavras de Jesus: “E o Reino dos Céus está em vós, e quem se conhecer a si mesmo o encontrará, e quando o encontrardes, sabereis que sois os filhos e herdeiros do Pai Todo Poderoso, e sabereis que estais em Deus e Deus em vós, e que sois a cidade de Deus.”<sup>21</sup> Hoje podemos ver que esta cidade de Deus é uma idéia divinamente cibernética, auto-

---

<sup>20</sup>Laura Sargent a Lucia Coulson; também em Coll., p. 184, terceiro parágrafo.

<sup>21</sup>“The Sayings of Jesus”; Saying II, The Christian Science Journal, Vol. XXII, 1904–5, p. 35.

operante, auto-organizadora, auto-reguladora, e poderíamos dizer igualmente: “E vós sois o ciber-navegante divino.”

A idéia da Ciência irrompe sem levar em conta pessoas ou organizações, liberando-se de tudo o que não seja como o Princípio. “A Ciência majestosa não se detém” (C&S 566:9); “o racionalismo espiritual e o pensamento livre acompanham a Ciência que se aproxima e não podem ser reprimidos.”<sup>22</sup> “O Livro-Texto está fermentando toda a massa do pensamento humano” (My. 114:28–29), e a ciência, a teologia e a medicina se aproximam cada vez mais das declarações fundamentais da Ciência Cristã. O futuro pertence à *idéia da Ciência de todas as ciências*.

Sabendo que a Ciência surge “de acordo com o modo indicado por Deus” e que “parece que as igrejas não estão preparadas para recebê-la.”<sup>23</sup> Oremos e vigiemos que a idéia continue livre para se desenvolver no caminho apontado pelo Princípio. “Deixai que o Verbo tenha curso livre e seja glorificado... A Verdade não pode ser estereotipada: ela se desenvolve eternamente” (No. 45:24–28).

---

<sup>22</sup>Veja C&S 223:21-22.

<sup>23</sup>Veja C&S 131:13-18.

## Parte II

### O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DA CIÊNCIA CRISTÃ

#### O benefício de um levantamento histórico

Quando a Sra. Longyear pediu à Sra. Eddy uma recomendação quanto a um praticante, ela recebeu a seguinte resposta: “Não posso lhe recomendar um praticante da Ciência Cristã, mas peço encarecidamente que escolha alguém que conheça a história da Ciência Cristã” (Coll. p. 256). À primeira vista esta resposta pode parecer surpreendente. Podemos pensar o que um conhecimento da história da Ciência Cristã tem a ver com as qualificações de um bom praticante, mas após uma observação mais apurada, fica evidente que tal conhecimento é da maior importância. Ao estudar uma matéria é sempre útil aprender acerca do seu desenvolvimento anterior, a fim de entender o significado do que se passa no presente, e vislumbrar o caminho da sua evolução.

Ao estudar a história do desenvolvimento da prática da Ciência Cristã, ficamos cientes das várias etapas que vieram a ser conquistadas; estas etapas representam as dificuldades gerais e os erros que foram ultrapassados. Munidos deste conhecimento, podemos nos proteger contra a repetição de erros do passado e atingir assim um padrão mais elevado. Podemos observar que experimentamos individualmente um desenvolvimento semelhante a este processo histórico em outras áreas da vida humana, porém em menos tempo. A partir de 1866, o desenvolvimento da prática da Ciência Cristã passou por etapas pelas quais cada indivíduo que adere a esta disciplina também passa de alguma forma. Um conhecimento destas etapas desde o início (1) nos ajuda a não repetir os erros do passado, (2) nos motiva a atingir um padrão de prática mais elevado, (3) para que possamos progredir com mais rapidez.

Ao expormos aqui os métodos novos e mais avançados da prática da Ciência Cristã que se cristalizaram desde 1866, assim como os seus expoentes principais, devemos esclarecer que este desenvolvimento não foi devido a uma compreensão humana individual, mas à idéia do Cristo (Christ-idea) operando continuamente. Somente a idéia do Cristo (Christ-idea), e não o pensamento humano é capaz impulsionar o progresso espiritual. É próprio da natureza da idéia do Cristo (Christ-idea) exigir constante avanço e

incessante progresso. O poder da idéia do Cristo (Christ-idea) promove inovações no âmbito humano apesar dos humanos. “A Ciência Cristã e os Cientistas Cristãos terão, deverão ter uma história” (Mis. 106:3). Aqueles que estão prontos a abrir a sua consciência para a novidade da Vida são os mesmos que provavelmente serão usados para os propósitos do Cristo; mas eles são apenas servidores, e não iniciadores da evolução espiritual.

## 1. O período formativo

A partir da mais tenra idade podemos reconhecer na vida da Sra. Eddy dois componentes distintos que vieram a se unir num todo harmonioso para depois produzir algo de completamente novo. Eram, a saber, (1) uma religiosidade verdadeira e (2) sua pesquisa científica. Ambos a conduziram ao descobrimento da Ciência Cristã e da cura científica divina.

Em criança, Mary Baker Eddy já havia experimentado o efeito da cura religiosa. Ela conta na sua autobiografia que aos doze anos de idade (em 1833) ela padecera de uma febre alta como resultado de uma discussão religiosa com seu pai. Rezando, ela se voltou para Deus. Enquanto orava, uma aura suave de uma alegria inefável lhe sobreveio. “A febre havia passado” e ela se levantou “em estado de saúde normal (...) Os médicos se maravilharam.”<sup>24</sup>

Aos 25 anos de idade (em 1846), interessou-se pela medicina e passou a investigar os vários métodos da sua época. Devido à sua frágil constituição, ela esperava encontrar alívio na alopatia, porém sem encontrar nesta uma ajuda eficaz, voltou-se para a homeopatia. Este foi um passo muito importante para a sua descoberta da cura espiritual, pois ela aprendeu a reconhecer a natureza mental dos fenômenos físicos como as doenças do corpo. Quanto à sua prática homeopática ela descreve como, entre muitos outros experimentos, ela pegou o sal de mesa comum e o atenuou “até que não restasse uma só propriedade salina... e no entanto, com uma só gota dessa atenuação num copo de água, e uma colher das de chá dessa água, administrada a intervalos de três horas, curou um paciente que estava na última fase da febre tifóide” (C&S 153:5–11).

A partir desses e de outros experimentos similares,<sup>25</sup> a Sra. Eddy concluiu que não é a droga enquanto substância material, mas a crença na

---

<sup>24</sup>Veja Ret. 13:1–14:2.

<sup>25</sup>Veja também S&H 156:5–27; Hea. 13:4–21.

droga, que ocasiona tais curas. Na homeopatia, “a droga desaparece nas atenuações mais elevadas ... e a matéria fica então reduzida à mente mortal” (Ess. p.266). Ao “tentar atribuir todos os efeitos físicos a uma causa mental” (ibid.), a sua pesquisa na homeopatia, que mentaliza o medicamento, mostrou a ela que a medicação se assemelha mais à mente humana do que à matéria. Ela concluiu que é a crença mortal e não o remédio que controla a ação de toda a medicina material, e que o trabalho se efetua menos pela matéria e mais pela mente. Desta feita a homeopatia lança a “pedra fundamental da cura pela mente.”<sup>26</sup>

A Sra. Eddy obteve muito sucesso com tratamentos homeopáticos, assim como com a administração de pílulas sem medicação (placebos), estes êxitos terapêuticos, porém, não a satisfizeram, eles constituíam degraus para que atingisse uma meta mais elevada: “a metafísica, (...) é o próximo passo grandioso para além da homeopatia” (C&S 156:28). Enquanto a homeopatia se baseia no axioma: “Quanto menos medicação melhor,” a metafísica adiciona: “Até que se chegue à ausência de medicação” (Hea. 11:19–20). Deste modo a mente e não a matéria se torna o fator da cura. A metafísica se baseia naquilo que está além (meta) do corpo (física). Deste modo, “as suas pesquisas e experimentos médicos(...)haviam-lhe preparado o pensamento para a metafísica da Ciência Cristã” (C&S 152:21).

Os pacientes que não encontram auxílio na medicina materialista passam em geral pelo mesmo processo; eles abandonam a medicina e buscam ajuda em meios de cura menos materiais, para aprender paulatinamente que sem a fé na medicina a droga perde o seu poder curativo, e que em última instância, é a atitude mental interna que determina a cura. Mas como encontrar a correta atitude interna? Através da religião?

A religiosidade da Sra. Eddy não foi atingida pela sua investigação científica no campo da medicina. Ela obteve cura notáveis não somente pela homeopatia, como também efetuou curas excepcionais sobre uma base religiosa. Ela escreve: “Nos anos cinqüenta, a Sra. Smith, de Rumney N.H., veio me ver com seu bebê recém-nascido, cujos olhos enfermos sofriam uma inflamação generalizada. Não era possível distinguir a pupila da íris. Não mediquei o recém-nascido. Segurei-o em meus braços por alguns momentos enquanto elevava meus pensamentos a Deus. Logo após devolvi o bebê curado aos braços de sua mãe” (Ess. p.145)

Ainda que a Sra. Eddy pudesse curar outras pessoas, ela não podia curar-se a si mesma do seu estado de saúde precário. Na sua busca infrutífera

---

<sup>26</sup>Veja Hea. 11:17–18.

para aplacar o seu sofrimento, ela se submeteu a uma hidroterapia e assim ouviu falar do famoso magnetizador P.P. Quimby. Ela fez então todos os esforços para se recuperar a fim de empreender uma viagem para ver a Quimby.

Em que consistia o método terapêutico de Quimby? Ele umedecia as mãos e massageava o escalpo do paciente argumentando mentalmente em prol da saúde. Segundo a Sra. Eddy, ele possuía “suas próprias idéias avançadas” (Mis. 379:16). A enfermidade, segundo ele, era uma crença falsa entretida mentalmente; mas para ele a matéria era tão real como o Espírito. Ele tratava o pecado e a doença como realidades. O tratamento consistia em uma argumentação do magnetizador com respeito à saúde, através da qual o paciente era liberado das suas crenças falsas; as crenças na doença deveriam ceder lugar a uma crença mais forte na saúde. Ao ser questionado quanto ao *modus operandi*, Quimby não era capaz de fornecer uma explicação e por isso não podia lecionar. Todavia, apesar da sua ignorância sobre como a cura se produzia, ele tinha uma grande clientela e um grande sucesso terapêutico, o que constitui um exemplo claro de como curas corporais podem ser efetuadas com base em qualquer crença. Um método de cura não material, não representa forçosamente um método de cura espiritual e divino. De fato, a cura resultante de tal método não é cura alguma.

Quimby não atribuía as suas curas a Deus, nem tentava explicá-las por meio de uma interpretação espiritual da Bíblia. Ele não as considerava como o efeito de uma influencia divina.

A Sra. Eddy tentou atribuir o método terapêutico de Quimby a um Princípio espiritual e relacioná-lo a curas bíblicas, mas por fim desistiu. Com o seu auxílio, a sua saúde melhorara consideravelmente (ela até curou pelo seu método pacientes que ele mesmo não pode curar). Eventualmente ela voltou para casa sem estar completamente restabelecida (Ess. p. 267).

O desejo da Sra. Eddy de encontrar um método de cura divino ainda não se realizara, mas o campo mental já estava preparado para a futura revelação da cura divina. Primeiramente ela aprendera na sua prática homeopática que o remédio não é material, mas sim, mental; entretanto “as virtudes mentais dos métodos materiais de medicina, mesmo quando entendidos, eram insuficientes para responder a sua questão” (Ess. p. 266). Em seguida, ela aprendeu através do método de Quimby, que a mentalidade humana mais forte governava a mais fraca, o que poderia ter efeito benéfico apenas enquanto a mentalidade mais forte fosse também a melhor. Mas, a mente humana é capaz de oferecer aquilo que é verdadeiro, o bem? Não, não é. Assim podemos ver que a Sra. Eddy ansiava por uma cura através daquela

mente que não é humana, porém, divina. Referindo-se àquele período ela escreveu: “Necessito aprender mais acerca da origem pura e certa, a fim de obter a ciência da Mente, do Tudo em tudo do Espírito, aonde a matéria é obsoleta; nada menos do que isso pode resolver a questão mental” (Ess. p. 266). Tendo reduzido a medicina material à mentalidade, e tendo entendido que a mentalidade mais forte controla a mais fraca, ficou evidente para ela que a mentalidade mais forte seria Deus, a Mente divina. A mente humana não se compara a esta Mente e exige que “o pensamento se espiritualize para apreender o Espírito... A estima colocada nas coisas materiais deve ser transferida para a percepção e o gozo de coisas espirituais. Para que o Espírito seja supremo em demonstração ele deve ser investido de poder divino e não de poder humano” (Ess. p. 267). Esta clarificação tornou-a receptiva para reconhecer a Mente ou Espírito divino, em lugar da mente material como o elemento curativo.

## **2. A descoberta da cura pela Mente**

No início de Fevereiro de 1866, a Sra. Eddy caiu sobre o gelo e o médico declarou seus ferimentos fatais. Três dias depois ela pediu uma Bíblia, abriu-a em Mateus 9, e leu sobre a cura do homem que sofria de paralisia. Acerca disso escreveu: “Enquanto lia, a Verdade curativa raiou no meu pensamento; e como resultado me levantei, me vesti, e a partir deste momento passei a gozar de um estado de saúde melhor do que antes. Aquela breve experiência incluiu o vislumbre do grande fato que desde então tento explicar aos demais, ou seja, a Vida no Espírito e do Espírito; sendo esta Vida a única realidade da existência. Aprendi que o pensamento mortal desenvolve um estado subjetivo que ele chama de matéria, excluindo assim o verdadeiro sentido do Espírito” (Mis. 24:11). Algo de completamente novo fora atingido: a Vida no e do Espírito.

Por ocasião da sua cura ela não entendeu claramente a explicação científica do método curativo. A Verdade apenas “raicara” e dela ela obteve apenas um “vislumbre.” Não podendo “explicar o *modus* do [seu] alívio,” pode apenas assegurar ao doutor que “o Espírito divino” havia produzido o milagre—milagre que depois ela achou estar em perfeito acordo científico com a lei divina” (Ret. 24:17–21). Convencida que “o Espírito divino” havia propiciado a cura, ela aprendeu depois que “A Mente reconstruiu o corpo, e que nada mais poderia tê-lo feito. Como isto ocorreu deverá ser revelado pela Ciência espiritual da Mente;” e ela adiciona: “Naquela época isso era

um mistério para mim, mas desde então o entendi: toda Ciência é uma revelação” (Ret. 28:22–27).

Passo a passo ela buscou encontrar a razão da sua cura, e foi só “no final de 1866” que “ela obteve a certeza científica que toda causa era Mente, e cada efeito, um fenômeno mental” (Ret. 24:9–11). Por vinte anos “ela tentou remontar à uma causa mental a origem de todos os efeitos físicos” (Ret. 24:7), mas só então encontrou a resposta certa, a saber, “que a mente mortal falível e por erro chamada *mente*, produz todo organismo e toda ação do corpo mortal” (C&S 108:30).

Enquanto Quimby ainda considerava a matéria e a doença como realidades, à Sra. Eddy era revelado que só o Espírito é real. Então o que é a matéria? A matéria passa a ser considerada como o estado subjetivo da mente mortal, um mal-entendido daquilo que é o Espírito. O reconhecimento da mente mortal como uma mente errônea, logo irreal, levou à compreensão e demonstração do fator principal da Ciência da Mente, a saber, que “Mente é Tudo, e a matéria nada é” (C&S 109:2). Esta Mente divina se expressa em idéias divinas como as únicas realidades do ser. “Esse grande fato, entretanto, não é visivelmente apoiado por evidências perceptíveis, até que o seu Princípio divino seja demonstrado mediante a cura dos doentes, e assim provado absoluto e divino” (C&S 109:6). A Sra. Eddy submeteu a sua revelação aos mais abrangentes testes práticos e provou o grande fato “que a Mente governa o corpo, não parcial, mas inteiramente” (C&S 111:28).

Poderíamos pensar que a Sra. Eddy fosse se satisfazer com a sua cura miraculosa, especialmente porque ela ficou curada não apenas dos efeitos fatais do seu acidente como também de outras dificuldades físicas—não temporária, mas permanentemente. Entretanto, ela raciocinou: se tal cura ocorreu uma vez, deve existir uma lei que a governa e opera continuamente; de modo que um entendimento de tal lei permitiria a sua aplicação a todos os casos de doença assim como poderia também ser ensinada. Todos deveriam ser capazes de aprendê-la para que eventualmente o mundo inteiro pudesse se salvar a si mesmo do pecado, da doença e da morte. Ela reconheceu a promessa de ter tocado numa lei de salvação abrangente, mas ela ainda estava diante da enorme tarefa de descobrir o *modus operandi* da cura. Mesmo estando convencida que a sua cura se atribuiu ao Espírito divino, e ao subjacente Princípio divino e suas leis divinas, ela ainda não conhecia a natureza exata deste Princípio, nem quais seriam estas leis. Depois desta tremenda experiência religiosa, o cientista, o pesquisador e o descobridor novamente nela se ativaram. O espiritual deve ter uma

explicação científica: “Eu sabia que o Princípio de toda ação harmoniosa da Mente é Deus, e que as curas nos tempos do primitivo tratamento cristão se efetuavam por uma fé santa e enaltecadora; precisava, porém conhecer a Ciência destas curas e cheguei a conclusões absolutas graças à revelação divina, à razão e a demonstração” (C&S 109:16).

A fim de descobrir o Princípio, leis, regras, sistema, e método da cura espiritual, a Sra. Eddy se retirou da sociedade por três anos. “A Bíblia era o meu manual. Ela respondia às perguntas quanto ao modo pelo qual eu me curara; as escrituras, porém, possuíam agora um novo significado, um novo idioma. O seu significado espiritual apareceu; e aprendi pela primeira vez, no seu sentido espiritual, o ensinamento e a demonstração de Jesus e o Princípio e a regra da Ciência espiritual e da cura metafísica—em uma palavra, a Ciência Cristã” (Rec. 25:3). O fato que aquele Espírito divino cura, chegou a ela como uma revelação direta, porque “a Verdade é uma revelação” (C&S 117:27), mas o método da cura espiritual foi descoberto por meio de um estudo profundo da Bíblia com o seu sentido espiritual.

A Bíblia passou a ser um livro novo para ela. “Os milagres registrados na Bíblia revelaram-se como divinamente naturais e compreensíveis e as curas de Jesus foram vistas como “a operação da lei divina” (Ret. 26:12–16). Para Jesus, as curas dos enfermos não eram milagres, mas provas das leis divinas, científicas.

Durante nove anos, a Sra. Eddy se dedicou à descoberta da natureza do Princípio divino e a sua aplicação na cura dos doentes. Depois ela publicou os seus achados no livro “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras” (1875). Ela escreve o seguinte, acerca deste período: “Eu estava aprendendo a Ciência Cristã passo a passo, desenvolvendo gradualmente esta semente maravilhosa que descobrira como uma investigadora honesta. Tratava-se de uma evolução prática” (Ess. p.154). Mesmo que naquela época, “as suas proposições avançadas não eram suficientemente lúcidas para a sua própria compreensão” (Ess. p.61), ela obteve grande sucesso na cura espiritual. Ela curava “por meio de um poder espiritual, do influxo da Verdade” (Ess. p. 155), sem manipulações exteriores; elas eram, na maior parte, curas instantâneas e raramente necessitava de mais de um tratamento. Apesar dessas provas, em 1896, escreveu humildemente: “Ainda não atingi a última prova prática da Ciência Cristã absoluta... e provavelmente nunca o farei enquanto estiver visível aos sentidos pessoais” (Ess. p.61). Isto tudo indica que uma grande revelação pode surgir na nossa consciência, mas em geral leva muito tempo até ela se tornar prática na nossa vivência. Podemos até ter a sensação que toda uma vida humana não seja longa o suficiente

para se atingir tal meta. Até o fim da sua existência terrena, a Sra. Eddy continuamente se esforçou para alcançar uma compreensão mais elevada, e uma base mais plausível de demonstração.

Simultaneamente, outro problema importante a ela se apresentara: De que modo a prática curativa poderia ser apresentada aos estudantes? Seria isto possível? Poder-se-ia comunicar a espiritualidade, e se possível fosse, como? A princípio, esta questão parecia insolúvel: “Ao contemplar a majestade e a magnitude desta busca, parecia que seriam necessários séculos de crescimento espiritual para que eu me tornasse capaz de elucidar ou demonstrar o que eu havia descoberto” (Mis. 380:7). Só a espiritualidade pode conceber a espiritualidade. Como poderiam os estudantes obter espiritualidade a fim de se munirem de poder curativo espiritual? “A razão humana não estava pronta para isso” (Ret. 34:9). Primeiramente seria necessário adaptar o método curativo ao nível da consciência dos estudantes. Mas de que modo? Quanto a estas dificuldades, a Sra. Eddy escreve: “O método da prática quanto aos estudantes me deixava perplexa. Apesar de eu ter curado através do poder espiritual—o influxo divino da Verdade—os estudantes não poderiam ser ensinados quanto à oração eficaz, silenciosa, que expelle os males, e cura os doentes, até que obtivessem a unção do Espírito. A preparação do coração ou da consciência é um requisito nos dois casos” (Ess. p. 155). A educação gradativa em direção à espiritualidade tornou-se imperativa. Seguindo o conselho de Jesus: “Primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga” (Marcos 4:28), ela “começou a apelar para o senso material do ser espiritual e de cura dos seus estudantes, e depois para a sua mais alta compreensão espiritual do todo que é a Mente, pela qual e na qual as concepções e os meios materiais da cura são considerados fúteis, e a oração invisível, silenciosa alcança o máximo, a demonstração segura do poder divino de Deus para curar os doentes” (Ess. p. 60–61). Deste modo, as etapas da cura foram mostradas aos alunos—primeiro eles deveriam obter um senso material mais elevado da cura e depois a compreensão espiritualizada da totalidade da Mente até atingir a consciência do Ser único.

Logo no início (1867), as circunstâncias a forçaram a empreender o trabalho enorme de ensinar aos estudantes como efetuar a cura. Neste processo ela angariou a experiência que lhe indicou a que nível e forma mental ela deveria traduzir e reduzir a sua revelação naquela época: ao nível da argumentação.

### 3. A cura pela argumentação

Deve ficar claro desde o início, que a cura pela argumentação não era o método de tratamento original da Sr. Eddy. Ela declarou: “Nunca argumentei até começar a ensinar; então tive que ir de encontro ao pensamento dos alunos aonde ele estivesse” (Coll. p. 5). Como não havia suficiente espiritualidade na consciência dos seus estudantes, ela teve que apelar para o que todos tinham, a saber, o raciocínio.

A argumentação usa o método de afirmação e negação, pelo qual todos os argumentos com relação à saúde e à perfeição são mentalmente afirmados, e os argumentos que os contradizem, rejeitados. Pode se notar de imediato que tudo é julgado conforme o padrão humano de certo ou errado. A argumentação apela para “o sentido material mais elevado do ser espiritual do estudante” (Ess. p. 61) sem a certeza se este está de fato de acordo com o padrão da Verdade. Assim, a inadequação deste método se torna aparente.

Os argumentos a ser rejeitados são inúmeros. Sabemos muito bem que em cada caso a mente mortal acumula más sugestões, e cada asserção falsa conduz a outros inúmeros argumentos ruins. Os praticantes daquela época tinham uma longa lista de argumentos que deveriam constar no tratamento, para que nenhum fosse esquecido. Assim o tratamento se convertia não apenas em uma rotina sem inspiração fresca e espontânea, como finalmente, em uma carga.

Que tipos de argumentos deveriam ser seguidos em tal tratamento? Mencionaremos aqui alguns, para dar apenas uma impressão geral. Desta feita, o tratamento começava com Deus e afirmava mentalmente que Deus não pode pecar nem adoecer, e que deste modo, Deus jamais criou o pecado, a doença, ou a morte; conseqüentemente o homem não pode nem pecar nem adoecer e o pecado, a doença e a morte não podem ser nem causa, nem efeito. Inicialmente, o paciente era chamado pelo seu nome; e mais tarde este era abandonado. O nome da doença era rejeitado, assim como a própria doença. Todos os sintomas da doença eram eliminados pela argumentação. Rejeitava-se o fato que a doença tivesse uma causa, um poder, ou um percurso obrigatório, que ela fosse real, perigosa, contagiosa, ou deixasse seqüelas. O estado são do paciente era afirmado, assim como a realidade, imutabilidade, e a integridade da perfeição da saúde do paciente. Todos os depoimentos contraditórios dos órgãos dos sentidos eram negados: a matéria não tem sensação, não pode sofrer, não pode se inflamar ou infeccionar. Afirmava-se que o tratamento era eficaz, e não poderia ser em vão; seu

efeito não poderia ser revertido; o paciente só poderia ser abençoado por ele, jamais prejudicado; ele não poderia ter uma recaída; que o tratamento incluía todos os argumentos necessários para o seu sucesso e que nada pôde ser esquecido; que o paciente sabe que ele está bem, e assim por diante. É possível seguir argumentando eternamente, tantas são as crenças do pensamento mortal.

Até 1871, a Sra. Eddy permitiu que seus alunos misturassem os argumentos com manipulações. Naqueles tempos as pessoas geralmente “pediam um sinal—uma evidencia material com a qual garantir aos enfermos que algo estava sendo feito par ajudá-los” (Mis. 380:20). Enquanto argumentava em prol da saúde, o praticante massageava o crânio do paciente e lhe oferecia, através de “um passe de mãos” o sinal de que estava fazendo alguma coisa.

A contradição de “demonstrar a Ciência da cura metafísica mediante uma forma externa de prática” (Mis. 380:24), não podia continuar oculta aos alunos, portanto, em 1872 lhes foi pedido que abandonassem todas as manipulações ao tratar dos doentes. Depois, na primeira edição de “Ciência e Saúde” (1875), a Sra. Eddy declarou que “aquele que manipulasse a cabeça de seus pacientes “seria um traidor de Ciência Cristã” (Ciência e Saúde, 1ª edição, p. 193). Passamos a testemunhar a partir de então mudanças rápidas e marcantes no desenvolvimento do método da cura.

A princípio, os praticantes argumentavam de maneira audível. Assim eles obtinham uma convicção maior com relação ao argumento. Por exemplo, se o paciente fosse repentina e agressivamente atacado por algum problema—como no caso de uma dor aguda e inusitada—de modo que não fosse possível tratar do caso através de uma paz interna e convicção, tal tratamento audível poderia e ainda pode ser utilizado até hoje como um método de primeiro socorro adequado. Porém é necessário lembrar que isto está bem distante do “‘cicio tranquilo e suave’ do pensamento científico” (C & S 559:8). Assim que a nova etapa, a “argumentação silenciosa” passou a ser posta em prática.

A argumentação silenciosa é uma mentalização do argumento audível. Era conhecida igualmente como “dirigir-se ao pensamento.” Tal tratamento se baseava nas seguintes noções: O praticante se dirige mentalmente ao paciente—mencionando ou não o nome deste—argumentando pela verdade do caso e rejeitando as sugestões errôneas. Isto é feito sob a premissa que os pensamentos acerca da Verdade são transferidos à mentalidade do paciente, e assim as falsas crenças do paciente são corrigidas e substituídas pelos pensamentos verdadeiros do praticante. Deveria tal método ser denominado

“transferência de pensamento” em vez de tratamento espiritual? Certamente! Uma denominação ainda melhor seria “mesmerismo benevolente,” no lugar de Ciência Cristã. Estas concepções erradas se expressam ainda hoje quando, por exemplo, um paciente diz: “Mande-me alguns bons pensamentos” ou “este praticante tem um pensamento muito poderoso.”

Durante as últimas décadas do século XIX, os tratamentos oferecidos eram predominantemente baseados no que foi mencionado acima. Diz-se que uma vez Kimball perguntou à Sra. Eddy se ela achava que 50% de todos os tratamentos da Ciência Cristã fossem mesmerismo, ela respondeu, sorrindo, que provavelmente dois terços o eram.<sup>27</sup>

É evidente que tal método de transferência de pensamento e transferência de vontade consciente ou inconscientemente levam à má-prática mental. Enquanto o padrão divino daquilo que representa a Verdade absoluta não for entendido, não será possível distinguir entre a boa e a má prática mental.

Todavia, a idéia do Cristo (Christ-idea) não descansou, mas impeliu o pensamento a novas altitudes. Assim surgiu o pensamento de um “tratamento impessoal.” Uma vez que a causa de toda doença é mental, a doença não se encontra num corpo, nem numa pessoa, mas na mente. Em que mente? E a mente mortal sendo impessoal, a doença reside não apenas na mente do paciente, mas também na mente do praticante. É o caso de “Médico, cura-te a ti mesmo” (Lucas 4:23), e não de: “Médico, cura teu paciente.” Neste momento, os praticantes se deram conta que seu trabalho deveria consistir primeiro em se auto-sanar, para depois poder tratar e curar seus pacientes. Eles tinham que se curar de todas as falsas crenças que o paciente colocava à sua frente; eles precisavam argumentar contra as sugestões que infestavam o *seu* mundo; eles não mais tratavam os pacientes, mas a si mesmos. Os praticantes afirmavam a Verdade com o único propósito de esclarecer o seu próprio pensamento, para se liberar de todas as sugestões ouvidas nos relatos de sofrimento dos seus pacientes.

Obviamente este método representou um passo adiante. O problema da “transferência de pensamento” não mais ocorreria, e não seria possível ao praticante tratar inadequadamente o seu paciente. Uma vez que só existe *uma* Mente, e que esta Mente única é impessoal, a cura da consciência do praticante seria equivalente à cura da consciência do paciente, constituindo

---

<sup>27</sup>Veja Ames Nowell, Mary Baker Eddy, Her Revelation of Divine Egoism (New York: Veritas Institute, Inc., 1963), pp. 76-77.

uma cura universal. Jesus já havia declarado: “E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim” (João 12:32). Agora era importante que os praticantes se elevassem constantemente na sua consciência, que a expandissem amplamente, e que se liberassem da sua própria ignorância da sua união com Deus e das Suas infinitas obras. Quanto mais o praticante aumentasse seu entendimento, mais o paciente encontraria a cura.

No fim do século XIX, este método foi usado sendo cada vez mais usado, porém mesmo em 1958, o Professor Braden afirmava que “a maioria dos praticantes ainda não operavam sobre esta base.”<sup>28</sup>

O método de prática dos estudantes era muito imaturo. Havia ainda um longo caminho a ser percorrido do método da argumentação até que a meta da Sra. Eddy fosse atingida, a saber, a espiritualização do pensamento e a Ciência espiritual. Entre 1889 e 1891, a Sra. Eddy retirou-se das suas prósperas atividades e “buscou na solidão e no silêncio uma compreensão mais elevada da unidade científica absoluta que deve existir entre o ensinamento e a letra e o espírito da Cristandade” (My. 246–13). Durante este período “a luz e o poder da concomitância divina do Espírito e do Verbo apareceram” (My 246–20). Um dos resultados desta época foi uma nova revisão de “Ciência e Saúde,” a sua 50ª edição (1891). Os vários níveis de prática—de um lado, o método de argumentação mental, e a espiritualidade de outro—foram esclarecidos com maior distinção. Seguem algumas referências significativas: “Lembre-se que a letra e o argumento mental são apenas auxiliares humanos para ajudar a pôr o pensamento em concordância com o espírito da Verdade e do Amor, que cura o doente e o pecador.”<sup>29</sup> “Pelos argumentos verídicos que empregas, e especialmente pelo espírito de Verdade e Amor que abrigas, curarás os doentes.”<sup>30</sup> Enquanto o estudante não estiver “perfeitamente ajustado com a Ciência divina” ele ainda necessitará dos “argumentos da Verdade como lembretes. Se o Espírito, ou o poder do Amor Divino dá testemunho em favor da verdade, isto vem a ser o ultimato, o método científico, e a cura é instantânea.”<sup>31</sup> A Sra. Eddy esclarece repetidamente que o argumento só pode ser considerado como uma etapa preparatória da cura pelo Espírito. “Não há suficiente poder espiritual no pensamento humano para curar o doente ou o pecador” (Mis. 352:21). Portanto os argumentos mentais só devem ser usados até que

---

<sup>28</sup>Charles S. Braden, *Christian Science Today* (London: George Allen & Unwin Ltd., 1958), p.348.

<sup>29</sup>Veja C & S 454 : 31.

<sup>30</sup>Veja C& S 418 : 22.

<sup>31</sup>Veja C& S 411 : 7-12.

se possa curar unicamente através do Espírito.<sup>32</sup>

Na virada do século, a Sra. Eddy enfatizava cada vez mais que seus alunos deveriam ir além do método da argumentação. Segundo notas do “Curso em Divindade” a Sra. Eddy declarava que Jesus não argumentava com o diabo, porém dizia: “Vade retro, Satanás” (Coll. p.2). “Às vezes penso que o argumento dificulta o trabalho materializando o pensamento. Atenha-se ao espiritual!” (Coll. p.32). Ela até mesmo indicou que “corremos o perigo tornar realidade a crença dos nossos pacientes ao argumentarmos contra elas com excesso de ansiedade” (Coll. p. 181).

O argumento deve ceder lugar ao entendimento espiritual. “Só precisamos dos argumentos contra a doença para nos fortalecermos. Quando pudermos curar sabendo que tudo é Mente, não necessitaremos saber de nada sobre a doença” (Coll. p.177). Segundo o “Curso em Divindade,” a Sra. Eddy declara inequivocamente: “Não necessitas argumentar: SAIBA. CONHEÇA a Deus e Sua idéia, e não discuta acerca do pecado” (Coll. p.2).

“Deus e Sua idéia!” A era se preparava para avançar do plano do pensamento para o plano das idéias. Observamos um resolutivo avanço da cura por pensamentos verídicos em prol da cura pelas idéias de Deus. A diferença entre a cura mental através do pensamento, ou a cura pela mente, e a cura pela Mente divina foi ficando cada vez mais evidente.

John W. Doorly escreve em retrospecto sobre aquele período: “Quando aderi à Ciência Cristã em 1902, tratava-se de um movimento profundamente religioso, sério e sincero. Eu sabia que Deus era Mente, e que a expressão da Mente era o pensamento, ou antes o pensamento espiritual, mas ainda não tinha entendido o fator *idéia*, apesar que este fora declarado claramente em “Ciência e Saúde” ... Naqueles dias os Cientista Cristãos falavam muito vagamente sobre o pensamento, a consciência, e coisas afim, todos bons conceitos, eles não viam, porém, a natureza da idéia.”<sup>33</sup>

Grandes esforços foram feitos para uma nova mudança de consciência. Em vez de se declarar a verdade sobre Deus e o homem, uma mudança de ponto de vista fazia-se sentir: a cura pela Mente divina procede da Mente divina, do fato que nós temos a Mente de Cristo, que a Mente divina se conhece a si mesma, e que só se conhece a si mesma enquanto idéias. Esta ruptura estava intimamente relacionada com o ensinamento do seu expoente, Edward A. Kimball, que renunciou uma nova era.

---

<sup>32</sup>Veja Mis. 359 : 4-7.

<sup>33</sup>John W. Doorly, Christian Science Practice, 2<sup>o</sup> Ed. (London: Foundational Book Company for the John W. Doorly Trust, 1958), p. 94.

#### 4. A cura através de idéias divinas

A Sra. Eddy tinha Kimball na sua mais alta estima. Ao considerar os seus méritos enquanto trabalhador no movimento da Ciência Cristã, ela escreve “o seu ensinamento claro e correto da Ciência Cristã foi e é uma inspiração para todo o campo” (My 27:18). Seus méritos não se diminuem ao revermos suas contribuições para o desenvolvimento da idéia da Ciência Cristã de modo crítico, numa perspectiva atual.

Doorly escreve sobre aquele período: “a cura se produzia através de uma crença religiosa, ardorosa e séria, em Deus enquanto Mente, no valor do pensamento espiritual, e no fato que Deus é Amor.”<sup>34</sup> Foi Kimball, porém, quem começou a ensinar que Deus é um Princípio divino, e que o Princípio deve ser entendido através das suas idéias, e aquilo o que está a ocorrer perpetuamente é unicamente o Princípio e a sua idéia infinita.

Uma breve exposição do ensinamento de Kimball se encontra na carta que escreveu ao Juiz Hannah (29 de Novembro de 1907), contendo os seguintes pontos principais:

“O Ser é Um, e sendo infinito, não se compõe de duplicatas. Este Um ou Infinitude primariamente é Mente (noumenon)—e secundariamente Idéias (fenômenos). A Mente também é Vida, Poder, Lei, Bem. Assim, só há uma vida, um poder, um bem, uma lei, etc. Sempre *um* (adorável *um*).”

“A Mente se expressa através de idéias que são substanciais porque refletem Substância. A infinita manifestação da Mente, ou infinidade de idéias constitui aquilo que pode ser chamado de corpo ou Personificação do Ser—Um corpo.”

“Mente e idéias—Mente e corpo são, cientificamente falando—Um, e constituem a inteireza da unicidade. Esta unicidade do infinito é inorgânica, não incluindo órgão algum, espiritual ou outro. Entretanto, a manifestação, ou corpo inclui ou apresenta todas as idéias—todas as coisas. Todas as coisas corpóreas são perfeitas—completas—imortais, harmoniosas e governadas pela lei divina. O Corpo é o corpo de todo o Ser, assim como a Vida é ‘a vida de todo o Ser divino!’ Não há nada no corpo além daquilo que

---

<sup>34</sup>Ibid., p. 98.

é perfeito. Para todos os fins e propósitos, pode-se dizer que todos os homens possuem uma mente e um corpo.”

“Por outro lado, o que aparenta ser o universo material, homem e corpo, não é aquilo que aparenta ser—a árvore não é a árvore, etc. Não se trata de matéria alguma, mas sim, de um erro subjetivo—nada mais do que uma crença que se auto-denomina matéria, uma crença falsa. Uma mentira sempre é, por necessidade, uma mentira sobre a verdade. Logo, a árvore material e o corpo material nada mais são do que mentiras sobre a verdadeira árvore e o verdadeiro corpo, o corpo único.”

Uma vez esclarecido que tudo é a Mente e suas idéias, que a Mente e sua idéia são um, e que isto constitui a única realidade, a questão “O que é o universo material?” requer uma nova resposta. A Sra. Eddy já respondera a esta questão em 1885, de modo geral, mais foi só então que este problema tornou-se de grande interesse.

“Se a mente mortal e o corpo são mitos, qual é a relação entre eles e a realidade verdadeira, e por que existem tantas identidades quanto corpos mortais?” A resposta de Sra. Eddy foi: “toda criação ou idéia do Espírito tem a sua simulação em alguma crença mortal.” O universo material e as crenças materiais são simulações da idéia do universo espiritual. Consequentemente, “toda crença material sugere a existência da realidade espiritual.” Uma vez que uma mentira é sempre uma mentira acerca de uma verdade, toda crença material deve ser uma mentira acerca de uma verdade espiritual. Assim sendo, toda crença pressupõe a existência de uma idéia da qual a crença é uma mentira. Isto conduz à difícil questão: podemos então, procedendo de cada crença atingir a idéia verdadeira por inversão? A Sra. Eddy responde: “Se os mortais forem instruídos em coisas espirituais, poderão ver que ao inverter a crença material, em todas as suas manifestações, esta será reconhecida como típica e representante de verdades inestimáveis, eternas, e acessíveis” (Mis. 60:23–61:10).

Apesar de tais afirmações serem claras e inequívocas, elas eram freqüentemente mal interpretadas—como o são ainda hoje. Kimball precisava corrigir constantemente a interpretação errônea do seu ensinamento. Em sua famosa carta a Hinsdale (6 de Fevereiro de 1905), ele refutou muitas das censuras sofridas. Como toda crença material indicava a existência de uma idéia, tirou-se a conclusão errônea que cada coisa material existiria como idéia na Mente divina, assim um piano, um tijolo, ou uma

mesa não eram reais no modo pelo qual eram percebidos, mas existiam enquanto idéia na Mente. Kimball porém fez uma distinção; ele ensinou que “a mente mortal possui fases primárias e secundárias, ou subdivisões do erro,” e classificou como erros primários, as coisas normais e naturais do mundo material, como as árvores, flores, pessoas, órgãos, etc., chamando-os de simulações das idéias espirituais. Como erros secundários ele considerava as distorções da mente mortal. Por exemplo, se uma árvore (erro primário) é talhada e dela se fabricam um poste telegráfico, um barril de uísque, ou um caixão, estes constituem erros secundários porque não são apenas meras simulações de uma idéia, mas indícios da existência de idéias. O poste telegráfico aponta para “o fato espiritual que ‘o pensamento passa de Deus para os homens’ e que o todo do homem deve conhecer (refletir) a Mente infinita.” O barril de uísque indica “o fato que o homem é espiritual, com sentidos espirituais e é apoiado inteiramente pela Mente,” “o único fato subjacente a um caixão é a realidade que existe uma Vida infinita—e que aquela Vida e a vida do homem imortal que nunca morre e logo não precisa de um caixão.”<sup>35</sup>

O próprio fato que estas explicações levassem a discussões ardentes dentro do movimento da Ciência Cristã mostra apenas que as opiniões divergentes não eram capazes de esclarecer o cerne do problema: Como pode uma idéia divina curar? Afinal, não se tratava de uma questão acadêmica, mas sim, de um problema bem concreto da cura espiritual, um método de tratamento que deveria basear-se na compreensão correta da relação entre a idéia divina e o problema humano e material. Dado que os mal-entendidos daquela época continuam sendo vastamente mantidos ainda hoje pelos Cientistas Cristãos, seria de bom alvitre fazer face aqui a algumas destas visões errôneas e colocá-las sob a sua verdadeira luz, conforme o entendimento que foi ganho até agora.

A maior parte do mal-entendido veio do uso que Kimball fazia da palavra “corpo.” Para ele o corpo não significava o corpo orgânico e material, mas aquilo que Paulo chamava de “o corpo de Cristo”<sup>36</sup> composto de todas as idéias de Deus. Em contraste a esta concepção, o corpo humano é apenas uma mentira quanto ao corpo verdadeiro. Como o termo “corpo” era usado em algumas instâncias significando o conceito espiritual, e em outras o material, a porta se abriu largamente para todo o tipo de más interpretações. Já o Livro-Texto é muito claro no uso deste termo; só uma

---

<sup>35</sup>Carta de Kimball a Theodore R. Hinsdale (6 de Fevereiro, 1905).

<sup>36</sup>Veja exemplo em I Cor. 12:27.

vez “corpo” é empregado no seu sentido espiritual, e mesmo assim, como metáfora,<sup>37</sup> caso contrário, o termo significa apenas o corpo fisiológico. Na linguagem de Kimball, o corpo material é uma simulação do corpo espiritual; a cura do corpo doente consiste no reconhecimento do corpo espiritual, o corpo único.

Naquela época o interesse se concentrava na cura do corpo, e uma vez que o corpo enfermo era entendido como uma mentira sobre o corpo inorgânico, podemos compreender muito bem a tentação de raciocinar a partir do físico, do material, para chegar à idéia verdadeira, pois “toda crença material sugere a existência da realidade espiritual” (Mis. 60:28). Em lugar de raciocinar de modo dedutivo a partir de Deus, como Kimball explicou, os Cientistas Cristãos começaram a raciocinar de modo indutivo a partir de coisas materiais para atingir, por inversão, a verdadeira idéia. Parecia que todo o interesse se concentrava em uma sentença, desastrosamente, usada fora do seu contexto: “A metafísica reduz as coisas a pensamentos e substitui os objetos dos sentidos pelas idéias da Alma” (C&S 269:14).

Chegou-se assim à falsa conclusão que toda crença material aponta para uma realidade espiritual, portanto, cada órgão corpóreo material sugere um órgão espiritual. Deste modo um fígado ou coração materiais são simulacros do fígado e coração espirituais. Ao lidar com doenças cardíacas, o praticante esclarecia ao paciente que ele tinha um coração espiritual e que este era perfeito. Quão absurdo é imaginar que Deus, Espírito, pudesse ter um coração, um fígado, um rim, um apêndice! O Espírito é inorgânico e desta feita a noção de um “órgão espiritual” é paradoxal.

Fazia ainda menos sentido o conceito de que “toda criação ou idéia do Espírito tem sua falsificação em alguma crença material” (Mis. 60:27), logo cada órgão deve existir como uma idéia espiritual de Deus. O praticante deixava claro ao paciente padecendo de doença cardíaca, que o coração é uma idéia de Deus—o coração, o fígado, o rim, e assim por diante, são idéias de Deus e por isto, perfeitas! Ele raciocinava que a o coração orgânico era o simulacro da idéia coração. Esta má interpretação grosseira e materialista não fora, a princípio, reconhecida por Kimball, mas foi corrigida pela Sra. Eddy. Em um de seus manuscritos, Kimball escreveu: “Todo órgão ou função do corpo é uma idéia de Deus,” o que foi repudiado pela Sra. Eddy em suas próprias palavras: “Uma mentira.”<sup>38</sup> Órgãos e funções orgânicas são

---

<sup>37</sup>Veja “C&S” 559:25.

<sup>38</sup>*Essays on Christian Science, ascribed to Mary Baker Eddy*, published by Gilbert C. Carpenter, C.S.B. (1934), p.20.

conceitos puramente corporais e materiais, e conseqüentemente não podem ser idéias do Espírito. O coração, o fígado, o braço, etc., nunca podem ser idéias de Deus. Deus não tem um coração, uma vesícula, uma bexiga, um estômago, e nunca os concebeu como idéias.

Os órgãos não são idéias, mas sim, “uma mentira” (ibid.) e como uma mentira é sempre uma mentira quanto à verdade, naturalmente decorre a pergunta: “O que constitui, então, a verdade, aquilo que a mentira (coração, fígado, braço) sugere? Neste ponto estabelecem-se as conjeturas; porém conjeturas não tem nada a ver com a ciência. O coração não era mais considerado a imitação do coração espiritual ou da idéia coração, mas sim, como indicador da idéia do amor, o braço, da idéia do poder, a cabeça, apontando para a idéia de inteligência. Desta feita, muitos conjeturavam, tentando encontrar para todos os órgão e coisas suas idéias correspondentes. Estavam à busca da idéia de mesa, cadeira, púlpito, poste telefônico, trem, e assim por diante. O praticante tratava de um caso específico trabalhando com a idéia que o caso em consideração parecia indicar. Esta conjetura, ao tentar tirar conclusões a partir do material para a idéia governante, levava ao absurdo porque o erro nunca revela a verdade.

Alguns chegaram à seguinte conclusão: Se toda crença material é uma mentira, uma irrealidade, basta negar sua existência e o erro será destruído. Quando um órgão adoece, o tratamento consiste em negar mentalmente a sua existência. Tal método, porém, causa a destruição do corpo, em vez da sua cura. Na época de Kimball, este método era ensinado pelo Dr. Baker, entre outros. A Sra. Eddy interveio contra esta prática, que é utilizada ainda hoje: “Eu disse ao Dr. Baker: Jesus dizia: “Estenda a sua mão,” mas tudo o que você tem a dizer é: “Você não tem uma mão.”<sup>39</sup> Chocada com a morte de um paciente que fora tratado por seu praticante com o argumento: “Não existe caso nenhum,” “ela denunciou tal tipo de negação e disse que o paciente não recebera nenhum elemento curativo” (ibid.).

Todo problema concernente a relação entre idéia e corpo causava discussões ardentes. Kimball recorreu à Sra. Eddy para obter apoio. Para satisfazer o nível do pensamento daquele período, a Sra. Eddy deu a Kimball o seguinte conselho pessoal: “Declare: EU tenho um fígado perfeito, e deixe que a significação espiritual destrua o falso conceito de fígado” (ibid.). Kimball estendeu esta afirmação: “A idéia de que o fígado seja um conceito falso, é perfeita, no Bem,” e finalmente acrescentou: Temos um fígado perfeito em Deus” (ibid.). Kimball observou que com este método os

---

<sup>39</sup>Carta de Kimball ao Juiz Hanna (29 de Novembro, 1907).

praticantes obtiveram sucesso nos tratamentos. Poderíamos com razão perguntar por que, uma vez que tal afirmação não continha nenhuma declaração científica. Ela não explicava que idéia era aquela da qual “o fígado é um conceito falso” (ibid.). Como isto não podia ser explicado cientificamente, o tratamento consistia em uma fé cega em uma idéia desconhecida.

Kimball postulou então um novo ponto de vista: Deus é o Princípio e este Princípio deve ser entendido pelas suas idéias. Estas idéias são todas as realidades das quais as crenças materiais nada mais são que falsificações. Tratava-se de um ótimo conceito que não foi entendido imediatamente— tudo o que é importante necessita tempo para ser completamente compreendido. A dificuldade era que ele não podia explicar ou definir “idéias.” Naquela época ninguém sabia fazê-lo. “Quais são as idéias da Mente, do Espírito, da Alma, do Princípio, da Vida, da Verdade, e do Amor?” era uma pergunta que não era feita, e muito menos respondida. Ainda não havia chegado o tempo. Os estudantes tinham apenas uma vaga noção do que eram idéias, que elas eram boas e perfeitas, eternas, poderosas; mas constantemente eles as confundiam com concepções materiais.

Ainda predominava o raciocínio que partia de coisas materiais, do corpo e dos órgãos, a fim de se chegar às idéias; ao passo que as idéias só podem ser deduzidas do ponto de vista de Deus. “As idéias... nascem do Espírito, e não são meras conclusões tiradas a partir de premissas materiais” (C&S 274:9–11). Negligenciou-se a seguinte instrução claramente formulada: “Na Ciência da Mente raciocinamos partindo da causa para o efeito e começamos com a Mente, a qual tem que ser compreendida através da idéia que a exprime e que não pode ser percebida através do seu oposto, a matéria” (C&S 467:29).

Com se estivessem cegos, muitos baseavam sua prática de cura na afirmação que “a crença material em todas as suas manifestações, uma vez invertidas, serão vistas como tipos e representantes de verdades inestimáveis, eternas e facilmente acessíveis” (Mis. 60:30), e acreditavam que pela constante inversão, todos os erros seriam corrigidos e sanados. A afirmação da Sra. Eddy: “Os mortais devem ser instruídos em coisas espirituais” (Mis. 60:29), não era considerado um requisito importante que devesse preceder tal inversão. Somente através da compreensão do que as idéias são, é possível definir as suas falsificações que, pela regra da inversão, podem ser retificadas. Portanto, a Sra. Eddy acrescentou: “A educação do futuro será a instrução na Ciência espiritual, oposta às ciências materiais simbólicas e falsificadas” (Mis. 61:4). A não ser que a consciência seja instruída na

Ciência das idéias divinas, a regra da inversão será erroneamente aplicada e as crenças materiais serão consideradas como o ponto de partida da inferência de idéias correspondentes. A verdadeira regra de inversão começa em Deus, o Ser divino e suas idéias, e inverte todas as deduções incorretamente efetuadas a partir desta premissa.

No seu artigo “Retificações” (Un.20), encontramos um exemplo deste fato simples: “Como pode um erro ser retificado? Por inversão ou revisão,— considerando-o sob a luz certa, e logo após modificando-o, ou abandonando-o.” Assim, primeiramente “colocando-o sob a sua luz certa:” apenas Deus conhece as suas própria idéias; uma vez que isto for entendido, pode-se “modificar” ou “abandonar” o erro. Toda idéia verdadeira corrige a sua falsificação específica. “Anulamos as afirmações do erro ao invertê-las.” Como uma ilustração generalizada desta regra de inversão, a Sra. Eddy prossegue neste artigo: “O mal adquire autoridade através destas três declarações, ou antes, falsas declarações: 1) Deus o criou. 2) Deus dele tem conhecimento. 3) Eu o temo. Por um processo de argumentação inversa, o mal pode ser destituído: 1) Deus jamais criou o mal. 2) Deus não o conhece. 3) Portanto não devemos temê-lo.” A regra de inversão do “medo” não começa com o medo e tenta depois, por inversão ultrapassá-lo. Ela começa a partir do reconhecimento que Deus não criou algo como o medo, que Deus não conhece medo algum, logo o homem não precisa ter medo e por conseguinte o Amor perfeito bane o erro.

A insuficiência do raciocínio que parte de um ponto de vista material para chegar à idéia certa, retificadora e curativa, é logo reconhecida quando se considera como é difícil diagnosticar um caso corretamente. Sabemos o quanto é difícil até mesmo para um médico especialista prover um diagnóstico confiável, e quantas vezes eles cometem erros. É igualmente desesperador tanto para o paciente, como para o Cientista Cristão, ter que definir e optar por um diagnóstico apropriado a partir de uma extensa lista de mais de 2000 enfermidades reconhecidas pela ciência médica. Os sintomas podem ser muito enganosos. De fato, o praticante da Ciência Cristã não pode se basear nem no diagnóstico do paciente, nem no do médico. De qualquer modo, não deveria fazê-lo, pois sua base é completamente diferente.

Mesmo se um diagnóstico fidedigno pudesse ser feito, nada pode ser realizado por seu intermédio. A Ciência Cristã ensina que toda doença, e toda desarmonia é o efeito de uma causa mental. Curar o efeito (o corpo) sem curar a causa (a mente mortal ou a psique), não é uma cura verdadeira; o corpo pode ter sido aliviado temporariamente, mas o homem não foi

curado, pois a mesma ou alguma outra doença pode reaparecer. Isto explica a causa do aumento de doenças crônicas, e torna evidente a inadequação do raciocínio que parte do órgão enfermo, ou da moléstia, e tenta curá-los com a idéia sugerida por tal órgão ou doença.

A meta da Ciência Cristã é a cura espiritual, e não primeiramente a cura física, devendo, porém, ficar claro que a cura espiritual acarreta também a cura física. Para se obter a cura espiritual é necessária uma base mais elevada e científica.

Quando um tratamento se baseia sobre um diagnóstico material e, como em inúmeros casos este diagnóstico pode ser errôneo, a resultante cura—caso ocorra—deve ser designada como uma cura física na qual a causa mental da moléstia não foi devidamente analisada nem corrigida. Em outras palavras, a cura física não revela a qualidade da cura. Ela apenas prova que uma mudança na crença humana pode se manifestar como uma mudança na condição corporal. O mágico cura os pacientes que ainda são receptivos às crenças na magia; o psiquiatra cura, através da psicoterapia um paciente psiquicamente moldável; o médico cura o paciente normal com um do 30,000 remédios que se encontram atualmente no mercado, ou simplesmente com um placebo.

Além do mais, se alguém é incapaz de identificar a idéia da qual um órgão ou uma doença seja um conceito falso, o resultado é uma mera crença que tal idéia exista. A crença em idéias é bem diferente da compreensão de idéias. A Sra. Eddy estava muito preocupada com a situação geral na época de Kimball mas se conteve de interferir abertamente. Muito antes ela já havia percebido o problema da cura pela fé que pode cegar o estudante a ponto de ele não se dar conta que precisa buscar os fundamentos científicos da cura pela Mente. No seu artigo sobre a “Cura pela Fé” (veja Ret. p.54–55), ela explica que as curas pela fé são algumas vezes mais rápidas que as curas pela Ciência Cristã porque é mais fácil curar do que entender. “A crença é virtualmente uma cegueira, quando ela admite a Verdade sem entendê-la... Há um perigo no estado mental denominado crença, pois se a Verdade é admitida sem ser entendida ela pode se perder, e o erro pode entrar pela mesma via. A cura pela fé tem seguidores devotos, cuja prática cristã está bem mais avançada que a sua teoria” (Ret. 54:14–21).

Percebendo o perigo que sua descoberta poderia se perder novamente, a Sra. Eddy ditou o artigo “Princípio e Prática,”<sup>40</sup> como seu último aviso antes de deixar a esfera humana. Nele ela declara em termos inequívocos

---

<sup>40</sup>Publicado no Arauto da Ciência Cristã, 1 de Setembro, 1917.

que a Ciência Cristã se apóia no entendimento e não na crença, em um Princípio fixo e não em conjeturas mortais. A mente mortal tende a acatar a Ciência Cristã através da crença, sem disto se dar conta. O Cientista de fé afirma que “Deus é tudo,” o que resulta ou na cura do doente pela sua fé, ou na ausência de qualquer efeito de tal tratamento: em lugar de uma fé no Princípio divino, o praticante deve ter um entendimento da operação do Princípio divino e sua aplicação, pois se a fé humana não se distinguir da cura científica, a Ciência Cristã se extraviará novamente da prática da religião.

Um estudante (M. N.) anotou o seguinte ensinamento em uma das classes da Sra. Eddy: “Esta é diferença entre a Ciência e a cura pela fé: a primeira faz que o paciente curado *conheça a Deus*; a segunda simplesmente sana o físico. A cura pela fé não é uma cura verdadeira, pois se o fosse, o paciente estaria com Deus. Não pense então que se és capaz de curar você é um Cientista Cristão; pois a medicina cura com relação aos sentidos, e o erro faz o mesmo” (Coll. p.190). O perigo na cura é que o tratamento se concentre demasiadamente na cura do corpo, na harmonia física, na demonstração de um organismo são, e não tanto na demonstração da Vida, da Verdade, e do Amor, na harmonia espiritual—na demonstração da origem divina. Segundo as anotações de outro estudante, a Sra. Eddy declarou uma vez: “Surpreendo-me ao ver quão pouco se cura através da Ciência Cristã. No mais, trata-se apenas da cura pela fé” (Coll. p.198).

Na última década da sua vida, a Sra. Eddy canalizou suas energias mais e mais na direção do entendimento e da apresentação da *natureza científica* da sua descoberta. Como no início seus esforços se concentravam na espiritualização do pensamento dos seus estudantes, agora ela percebia a necessidade de unir o Espírito à Ciência. Em 1903, declarou: “Quando atingi a Ciência Cristã abandonei logo a crença na doença em prol da crença na saúde perfeita; desde então tenho trabalhado para abandonar a crença na saúde em prol da Ciência da saúde, e isto seria bem mais fácil se não tivesse passado por aquela crença... teria sido mais fácil começar corretamente em primeiro lugar, em vez de ter que desaprender e aprender tudo de novo” (Coll. p. 15). Toda a sua intenção agora era poder declarar sem erros a Ciência da cura espiritual, a Ciência da harmonia espiritual. A cura da ignorância e do pecado tornou-se um problema bem mais fundamental, a Ciência Cristã passou a ser vista como uma prática profilática e a cura das enfermidades físicas passaram a um plano secundário. Em 1903 a Sra. Eddy proferiu o seguinte comentário: “Antigamente era mais simples curar doenças—qualquer uma, até um homem esquartejado, mas agora estamos

enfrentando o pecado” (Coll. p.13). Apesar do seu senso espiritual inato, ela era uma terapeuta natural, e sentiu a necessidade de unir este senso espiritual a um senso espiritualmente científico. Em 1904 a Sra. Eddy proferiu uma de suas observações inconfundíveis: “Eu costumava curar com uma só palavra... Não sabia mais do que um bebê sobre como isto se produzia, apenas que se produzia cada vez. Nunca falhava, e quase sempre com apenas um tratamento; nunca mais do que com três. Agora, Deus está me mostrando o método, e eu o mostro a vocês” (Coll. p.19). Porém, em 1910, seis meses antes de ela nos deixar, ela disse “Sinto que estou apenas começando a entender ‘Ciência e Saúde’” (Mis. Doc. p. 141).

No fim da sua vida, mais de quarenta anos depois da sua revelação da Verdade divina e das suas demonstrações de curas instantâneas e duradouras, ela entendeu o influxo divino do Espírito como a Ciência do Espírito. Era muito natural que seus estudantes estivessem bem mais atrasados do que ela quanto ao entendimento. Mas a Sra. Eddy fora conduzida passo a passo, de modo seguro pela idéia-Cristo, e ela podia confiar que a idéia do Cristo (Christ-idea) continuaria atuando no futuro, quando ela não mais aqui estivesse. A sua confiança era justificada.

As várias questões levantadas durante as discussões relativas aos ensinamentos de Kimball eram, curiosamente, questões que não haviam sido abordadas no Livro-Texto, por não se tratar de questões reais. Nem sempre é fácil levantar a questão certa. O Livro-Texto não apresenta uma discussão sobre os órgãos do corpo enquanto simulacros de órgãos espirituais correspondentes, ou como a contrafação da idéia espiritual de um órgão; tampouco apresenta qualquer indicação quanto a idéia da qual o órgão ou a doença seja uma simulação. Hoje perguntamos acertadamente por que naquela época o Livro-Texto da Ciência Cristã não era seguido, e em retrospecto observamos nitidamente que aquela era não estava madura para conceber o método da cura científica contido no próprio Livro-Texto.

Entretanto a idéia do Cristo (Christ-idea) continuou a sua marcha, o método científico da cura foi sendo entendido cada vez mais e o Livro-Texto permanece conosco como um mestre impessoal. Eventualmente as várias interpretações pessoais e acentuações unilaterais cederam lugar a uma pesquisa do Livro-Texto que integraria todos os aspectos, de modo que o estudante pudesse obter uma noção de toda a Ciência nele revelada. Ocorreu então um grande avanço em direção à compreensão científica da cura divina.

## 5. A cura através da unicidade do Ser

A segunda metade do século XX trouxe outra mudança importante. Kimball deveria ensinar a Classe Normal de 1910, mas faleceu antes da data. A Sra. Eddy nomeou Biknell Young, um aluno de Kimball para substituí-lo. Alguns dias antes do início do curso, a Sra. Eddy também faleceu. Entre os que assistiram ao curso se encontrava John W. Doorly (Inglaterra). O ensinamento era bem na linha de Kimball. Narrando acerca do processo de desenvolvimento que se seguiu, Doorly escreveu: “Em 1915 ao ensinar um curso, li a seguinte declaração em *Ciência e Saúde*, ‘Um só é o Princípio e sua idéia, e esse um é Deus, Ser onipotente, onisciente e onipresente, e Sua reflexão é o homem e o universo’ (p. 465:17–1), então pensei comigo mesmo, ‘Meu Deus, ‘só existe um Ser e este Ser é tudo o que existe.’ Veja bem: eu fora instruído como professor e jamais ouvi ser mencionado antes que só existe um Ser; e que este Ser era o único Ser existente, e que nós éramos a reflexão inclusa naquele Ser. Seis meses depois encontrei o homem extraordinário que me ensinara na Classe Normal e disse a ele, ‘Só existe um Ser e este Ser é tudo o que existe,’ ao que ele retrucou, ‘De onde você tirou tal idéia?’ Respondi que a tirara do Livro-Texto e ajuntei: ‘Por que você não nos ensinou isto?’ E com seu sorriso maravilhoso ele respondeu: ‘Por que não o fiz?’ A verdade é que na época o Movimento em geral não o sabia, ele não sabia que o Ser era um. Mas o fato começou a chegar ao nosso Movimento, e pouco a pouco ele cresceu, e o mesmo homem extraordinário que me ensinara em 1910 ensinou a última Classe Normal (1937), e o fez completamente sobre o fundamento que o Ser é um.”<sup>41</sup>

Deste modo, Young se tornou o expoente desta nova compreensão da “unicidade do Ser” e teve um impacto considerável no movimento da Ciência Cristã. A preocupação primária não era mais as idéias das quais as coisas materiais eram uma mentira, nem a relação entre as idéias e as crenças mortais. A atenção agora se voltava ao fato que existe somente uma Mente e que esta Mente é Tudo-em-tudo e, por conseguinte, a matéria nada é. Assim, a matéria deve ser explicada do ponto de vista do Espírito, ou seja de dentro do Ser único. Como o Ser é Todo-Ser, o erro não pode existir nem mesmo fora deste Ser único. Alguns anos antes, Kimball escrevera em um manuscrito que “o erro existe fora do campo infinito do Bem” e a Sra. Eddy o corrigiu: “Ele não existe de jeito nenhum.”<sup>42</sup> O conhecimento da nulidade

---

<sup>41</sup>John W. Doorly, *Verbatim Report, Association Meeting 1938*.

<sup>42</sup>*Essays on Christian Science, ascribed to Mary Baker Eddy*, publicado por Gilbert C. Carpenter, CSB (1934), p. 20.

do mal ficava assim realçado, apontando especialmente para o fato que o mal não era o oposto, mas sim, a falsificação do bem, e como tal não era nada. Começou-se então a dar valor à definição do mal da Sra. Eddy: “O mal não tem realidade. Não é pessoa, nem lugar, nem coisa, mas simplesmente uma crença, uma ilusão do sentido material” (C&S 71:2). As várias formas do mal e do erro como o pecado, a doença, a morte e a carência, seriam consideradas como falsificações daquilo que é real e verdadeiro, porém até aquela época eram consideradas como tendo uma existência fora do que é real e verdadeiro—não como inexistentes.

A pergunta: Se o Espírito e o universo espiritual é Tudo, e se fora do campo do Espírito não existe outro campo, como se explica a aceitação de um universo material? Tinha por resposta: Como só existe *um* Ser, existe apenas *uma* criação, *um* universo, e este *um* é espiritual. O universo material não existe. Trata-se apenas um “pretense” universo, e Young ensinava que “o assim chamado universo material é a criação divina vista sem nitidez e interpretada incorretamente.”<sup>43</sup> O universo e a criação materiais não eram mais considerados como uma criação errônea—existindo, adjacentes ao universo espiritual—mas puramente como uma má interpretação. O universo material é uma má compreensão do universo espiritual; o universo espiritual quando interpretado erroneamente, é percebido como um universo material. O raciocínio focalizava agora no “mal entendimento” e na “má interpretação.” Existia apenas *uma criação*; e se ela fosse entendida de modo correto, teríamos uma criação espiritual; mas se esta mesma criação fosse entendida de maneira errônea, nós a denominaríamos criação material. A criação espiritual e a criação material nada mais seriam do que a interpretação correta ou incorreta de uma mesma coisa, da criação uma e única.

Por que a interpretação espiritual é a correta? O Livro-Texto oferece a resposta: “Ao Princípio divino do universo cabe interpretar o universo” (C&S 272:28). Ocorreria uma mudança chave de ponto de vista; em vez de tentar raciocinar a partir das crenças materiais para se chegar à idéia certa, tomou-se conhecimento da necessidade de raciocinar a partir do Princípio para se atingir a idéia certa.

Até que ponto isto concerne a crença material? A Sra. Eddy já havia respondido muitos anos antes no seu artigo importantíssimo “Uma só causa e um só efeito,” no qual ela fornece duas explicações claras e sucintas: Primeiramente, “A Ciência Cristã interpreta a Mente, Deus, para os

---

<sup>43</sup>Charles S. Braden, *Christian Science Today* (London: George Allen & Unwin Ltd., 1958) p. 331.

mortais” (Mis. 22:10). O ponto de partida então passa a ser a Mente, o Princípio divino, interpretando e revelando-se a si mesmo ao pensamento humano. Assim a interpretação verdadeira do universo é concedida ao ser humano e o mal entendido acaba. Como o mal entendido é a crença em um universo material, a imagem deste deve dar lugar à interpretação verdadeira, daí a segunda declaração: “A Ciência, compreendida, traduz a matéria para a Mente” (Mis. 25:12). Portanto a interpretação certa a partir do Princípio, dissolve a crença material. A interpretação correta dissolve a má interpretação; um entendimento do Espírito dissolve a crença na matéria.

A pergunta: “Qual é a origem do mal?” não é uma pergunta correta: ela é errônea *per se*. Toda pergunta correta deve partir de Deus, da Verdade, onde a questão da origem do erro jamais aparece, e desta feita não requer uma resposta. Como Deus é a única origem, a Verdade única que não contém erro algum, a interpretação certa nos é fornecida para que possamos substituir a pergunta incorreta. Esta é a resposta à questão imprópria, e deste modo, todo erro é corrigido pela própria Verdade.

O pretenso universo material aparenta existir somente em crença; não é uma falsa criação, mas um mal entendido quanto a verdadeira criação; uma concepção errônea do bem. As crenças não criam um universo; elas encobrem e ofuscam a verdadeira e única criação. Sob a neblina, tudo aparenta ser distorcido ou fantasmagórico, mas ainda assim, nada muda realmente, e as coisas mantêm a sua identidade. A resposta de Young à pergunta “O que é a matéria?” seria: “Um conceito perecível daquilo que é imperecível.”<sup>44</sup>

Tudo se trata de uma questão sobre o infinito Um. A cura deve se basear sobre a interpretação correta da criação única. A doença não precisa ser trocada pela saúde; a interpretação errada não precisa ser trocada pela interpretação certa. A interpretação certa começa com Deus e continua com Deus; ela começa na Mente, que se revela a si mesma como a Mente única, e apresenta a sua própria identidade. A importância da frase da Sra. Eddy: “A Mente infinita não conhece nada além de Si mesmo ou de Si mesma” (Mis. 367:19), pode agora ser apreciada, assim como a sua afirmação que a distinção entre o verdadeiro e o falso “deve ser feita pela Mente e como Mente” (Mis. 257:6)—a mente humana não é capaz de fazer tal distinção. A Mente conhece apenas a si mesma, e só Se conhece através de si mesma, como ela mesma, e para a sua própria glória. Esta é a auto-realização da Mente ocorrendo eternamente. A Mente permanece dentro de si, não há um

---

<sup>44</sup>Para o Sr. L. Sinton, C.S.B. (1937).

“exterior.” Isto está de acordo com a unicidade do Ser.

Consequentemente, o homem não pode estar fora de Deus, nem Deus pode estar no homem—o Princípio jamais está na sua idéia. Como o homem é a idéia de Deus, ele não pode estar “em” Deus, mas deve ser entendido como aquilo que Young veio a denominar “Deus-sendo.” A concepção do homem se expande, de modo que o homem agora passa a ser definido como a consciência de Deus de si mesmo, pela qual Deus é reconhecido como a única Mente do homem.

Este conhecimento ampliado tornou-se a base do novo método de cura de Young. Sua ênfase no reconhecimento de que só existe uma Mente, e que esta Mente é a única Mente do homem, levou o pensamento a excluir completamente a Mente humana como fator curativo e dar lugar à cura pela Mente divina. Enquanto métodos prévios, especialmente o da argumentação, ainda se baseavam na mente do praticante e tentavam corrigir a mente do paciente e a do praticante, o novo método levava em consideração apenas a Mente divina. A prática da Mente divina não incluía no seu tratamento nem a mente do paciente, nem a do praticante. Young ensinava: “O que ocorre é pura Mente—minha Mente”<sup>45</sup>—notando-se que por “minha Mente,” ele queria dizer a Mente divina.

A nova prática se baseava na compreensão do fato que o homem possui aquela Mente que também estava em Cristo Jesus; e que desta feita ele é um com a Mente divina e não reconhece nenhuma outra mente. Nesta Mente do Cristo, a consciência é universal e íntegra. A questão do poder e da transferência do pensamento não é mais levantada.

Enquanto a princípio se dizia: “Cura teu paciente,” e depois: “Médico cura-te a ti mesmo,” a necessidade de abandonar a crença num paciente, assim como a crença num praticante era agora reconhecida, e apenas a manifestação da Mente divina e única deveria ser admitida. O tratamento tornava-se assim, completamente impessoal, isento de pessoas. Não seria isto o que a Sra. Eddy quis dizer quando respondeu à pergunta sobre como havia curado um caso instantaneamente: “Eu simplesmente saí do caminho de Deus” (Coll. p. 258).

O pensamento cede lugar à Mente do Cristo, e só esta Mente cura. Esta Mente é o único Ser e através desta Mente divina o praticante é um com o Ser perfeito: “O Cientista Cristão está só com o seu próprio ser e com a realidade das coisas” (’01 20:8) é uma frase que Young cita muitas vezes. Ele formulou o seu método de tratamento sobre este ensinamento: “Seja, e

---

<sup>45</sup>Charles S. Braden, *Christian Science Today* (London: George Allen & Unwin Ltd., 1958), p. 351.

sendo cure os enfermos.”<sup>46</sup> O homem, enquanto “Deus-sendo” cura.

Ao entender o fato que Deus e o homem é um, Young chamou a atenção à frase: “Há um só Deus ou Nós” (C&S 588:11). O “Eu Sou” divino foi entendido como o “único Ego” (C&S 588:20). O homem não tem outro ego, e não se reconhece outro ego, a não ser aquele Ego que é Deus. Assim, “o Ego e o Pai são inseparáveis” (C&S 70:9). O homem sabe que o seu “Eu” verdadeiro e Deus são um, e este “Eu” é íntegro. Portanto o tratamento não consiste na cura da doença, ou em melhorar o mortal; ele se preocupa mais em entender que não há nada para ser curado. Deste modo se chega à conclusão: “A Ciência não cura o homem, mas o revela como íntegro.”<sup>47</sup> Curar é descobrir a divindade do homem, é descobrir que não há nada para ser curado.

Indubitavelmente, o reconhecimento da unicidade do Ser foi um grande passo à frente, mas seria isto um ápice a não ser ultrapassado? É próprio da natureza do Princípio se auto-interpretar continuamente para o entendimento humano de modo cada vez mais expansivo e enobrecedor. Algumas perguntas fundamentais permaneciam ainda sem resposta. Quais seriam elas?

Todas as manifestações são manifestações do Um infinito; este Um inclui a todas; assim todas as manifestações devem ser boas; aquilo que o ser humano define como o mal, deve, de fato, ser o bem que foi mal-entendido; ou segundo a terminologia da escola de Young: o mal não é mal, a morte não é morte, a carência não é carência, e assim por diante. A pergunta seria: Quem, ou o que nos diz quais são as manifestações de Deus e quais são as manifestações humanas errôneas? E reduzida ao seu mínimo denominador: “Como fazer uma distinção entre idéias verdadeiras e ilusões?” (C&S 88:9) Afirmar que as idéias sejam emanações da Mente infinita, explica apenas a sua origem, mas não o modo pelo qual elas podem ser identificadas como idéias. A escola de Young nunca veio a estudar esta questão crucial.

Se “ao Princípio divino do universo cabe interpretar o universo” (C&S 272:28), e como o Princípio se expressa a si mesmo apenas através de idéias, faz-se mister diferenciar o universo verdadeiro do universo mal interpretado. Se as idéias de Deus não forem investigadas, é impossível se fazer uma distinção entre idéias e ilusões, e corre-se o perigo de se tomar idéias por ilusões, ou, vice-versa, de se tomar o certo como o falso, e depois inverter o que é verdadeiro. Os estudantes de Young trabalhavam então com as noções

---

<sup>46</sup>Margaret Laird, *Christian Science Re-Explored* (Los Angeles: The Margaret Laird Foundation, 1965), p. 110.

<sup>47</sup>ibid., p. 212.

aceitas sobre o que as idéias pudessem ser, o que não era entendimento, mostrando que ainda havia só uma crença ou uma fé na unicidade do Ser.

O raciocínio continuava procedendo constantemente a partir do problema; a carência era corrigida pela afirmação que nada faltava. Ora, quem, ou o que poderia declarar com segurança que o problema era mesmo alguma falta? Não haveria a possibilidade de algo estar sendo vivenciado como carência, enquanto o problema subjacente pudesse ser algo absolutamente diferente que precisasse, por conseguinte, ser abordado de outro modo?

O fato absoluto e indisputável é que o homem tem a Mente do Cristo. Mas como podem os mortais se despertar para este fato? Através de que método? A escola de Young replicava que o importante não era o modo pelo qual o praticante chegasse a este ponto “mas que ele pudesse trazer para o seu tratamento, aquilo que lhe permitisse alcançar com maior rapidez o seu objetivo.”<sup>48</sup> Isto abriu a porta para credices, sentimentalismo e misticismo. Devemos porém nos esforçar para ver que a Ciência não é apenas uma meta, mas que o caminho que a ela conduz deve ser científico.

Ficou então evidente que esta “unicidade do Ser” era uma unicidade que ainda não alcançara o padrão de uma unicidade compreendida cientificamente. Da mesma forma, a frase “unicidade é Ciência” não pode nos enganar quanto ao estado natural das coisas, pois unicidade significará apenas uma unidade amorfa e indefinida enquanto não for entendida na sua estrutura, ou seja, nas suas classificações e categorias, no seu sistema com leis e ordens fixas. Para tal é preciso que as idéias de Deus sejam compreendidas. Só então a Ciência da unicidade poderá ser espiritualmente entendida.

## **6. Curando através da Ciência do Ser**

Enquanto Young focalizou o seu ensinamento na nova compreensão que só existe *um* Ser, e elaborou este tema durante as duas ou três décadas seguintes, Doorly se propunha novas questões. Mencionamos anteriormente que o seu ponto de partida também foi a afirmação importantíssima: “Um só é o Princípio e sua idéia, e esse um é Deus, Ser onipotente, onisciente e onipresente” (C&S 465:17), e sobre ela ele fundou seu ensinamento e sua pesquisa. O ensinamento de Doorly também se baseou na Totalidade do Espírito e na nulidade da matéria; ele ensinou que todo raciocínio deve ser

---

<sup>48</sup>Charles S. Braden, *Christian Science Today*, (London: George Allen & Unwin Ltd., 1958), p. 352.

de Deus e que nenhuma conclusão pode ser tirada a partir de crenças, da matéria, ou do problema.

Como pode o raciocínio proceder de Deus? O Livro-Texto fornece a resposta: “Na Ciência da Mente raciocinamos partindo da causa para lhe achar o efeito e começamos com a Mente, a qual tem que ser compreendida através da idéia que a exprime” (C&S 467:29). Para se raciocinar corretamente no campo da Ciência do Ser, é indispensável compreender quais são as idéias que caracterizam a Mente, o Espírito, a Alma, o Princípio, a Vida, a Verdade, e o Amor; porque a Mente só pode ser compreendida pelas idéias que caracterizam a Mente; o Espírito, pelas idéias que caracterizam o Espírito; a Alma, pelas idéias que caracterizam a Alma, e assim por diante. Como pode tal compreensão ser obtida? Até aquela época, existia apenas uma noção vaga das idéias específicas que caracterizavam cada um destes termos sinônimos de Deus, parte baseada em sentimento espiritual, parte em conceitos tradicionais sobre aquilo que poderia ser atribuído a estes 7 termos sinônimos. Havia muita especulação quanto ao assunto; e estes sinônimos e suas idéias jamais haviam sido analisados de forma coerente e científica. Durante duas décadas este entendimento foi se cristalizando na consciência de Doorly, até que em 1938–1939 ele empreendeu, com um grupo de pesquisadores, uma análise profunda dos sinônimos de Deus a partir do texto de “Ciência e Saúde.” Através de uma pesquisa conscienciosa, acoplada com senso espiritual, o significado científico de Mente, Espírito, Alma, Princípio, Vida, Verdade, Amor, e as suas respectivas idéias características foram se esclarecendo cada vez mais.<sup>49</sup>

Assim foi alcançada uma solução científica de um problema importante: na unicidade do Ser, o universo é interpretado a partir do Princípio divino; isto requer um entendimento do Princípio, Deus. A Ciência Cristã define Deus através de 7 termos sinônimos,<sup>50</sup> e sinônimos são “palavras que coincidem ou quase coincidem em alguma parte do seu significado, podendo então, respeitados certos limites, ser usadas de modo alternado, ao passo que fora destes limites elas podem diferir significativamente em uso e sentido” (Dicionário Funk e Wagnalls). Desta feita, os 7 sinônimos de Deus diferem dentro de certos limites, apesar de que

---

<sup>49</sup>Para uma análise dos 7 termos sinônimos de Deus, veja: John W. Doorly, *The Pure Science of Christian Science* (London: The Foundational Book Company for the John W. Doorly Trust, 1971); Max Kappeler e co-autores, *Compendium for the Study of Christian Science* No.4-10 (Seattle: Kappeler Institute Publishing USA, 1951-53); Peggy M. Brook e co-autores, *A Study of the Fundamentals of Christian Science* (London: The Foundational Book Company, 1949); Max Kappeler, *The Seven Synonyms for God* (Seattle: Kappeler Institute Publishing USA, 1984).

<sup>50</sup>Veja C&S 465:10.

todos “se refiram a um Deus único e absoluto” (C&S 465:12). O que faz com que se diferenciem entre si são suas idéias características específicas, por isso, estes sinônimos não são permutáveis livremente sem alterar o sentido da frase.

Portanto, um processo que se iniciara 50 anos antes começava a colher suas primícias. Em 1888, ao participar da classe da Sra. Eddy, Martha Bogue anotou o seguinte: “O tópico da nossa primeira conferência era Deus e a Sra. Eddy queria tratar apenas dos termos abstratos, sinônimos de Deus... Subjacente à veracidade destes termos de Deus se encontra a base da Ciência; na verdade, eles são a Ciência... Quando ela começou a ensinar não lhe foi possível apresentar estes termos aos seus estudantes e fazer que eles os entendessem e os aplicassem; ela só podia falar com eles no plano inferior da cura dos doentes. Que trinta de nós quase os entenderam de uma vez indicou o maravilhoso avanço da Ciência Cristã, e a educação universal por meio deste trabalho. Ela dizia que quando a magnitude do infinito começou a aparecer para ela, ela não podia ver como Deus era capaz se conhecer a Si mesmo, mas quando ela viu que Ele era Tudo em tudo, ficou sabendo que Ele se conhecia a Si mesmo. Ela dizia que às vezes não conseguia seguir adiante, e então um dos termos de Deus se apresentava e logo podia continuar, ficando assim ciente que cada termo lhe era concedido por inspiração” (Mis. Doc. p. 61–62). A sua constante revisão do texto de “Ciência e Saúde,” a partir de 1875, as mudanças freqüentes dos sinônimos de Deus, e especialmente a sua ordem na definição de Deus, indicam claramente como a Sra. Eddy se empenhava em obter um entendimento e uma interpretação mais precisos de Deus, e só em 1907, trinta anos depois, ela encontrou sua resposta final.

Para a Sra. Eddy esta questão não era uma sutileza acadêmica; ao contrário, era uma necessidade fundamental para a prática. O estudante R.G. anotou: “A Sra. Eddy afirmou que se estivéssemos realmente conscientes do significado dos sinônimos de Deus, este fato curaria todo e qualquer caso” (Coll. p. 212). Atualmente, os Cientistas Cristãos estão percebendo que não podem se satisfazer apenas em reconhecer que só existe um Ser, mas que devem entender a unicidade do Ser na sua Ciência. A Ciência, porém, requer categorias de entendimento; uma das principais categorias é a dos 7 termos sinônimos de Deus, pois tudo se inicia com a compreensão correta da natureza e da essência de Deus; “sob a veracidade destes termos de Deus se encontra a base da Ciência” (Mis. Doc. p. 61–62). Com o desenvolvimento da idéia espiritual e o seu método avançado de prática o empreendimento de um estudo profundo dos 7 termos sinônimos

de Deus se torna inevitável. Cada um desses sinônimos é caracterizado por idéias específicas quanto ao seu sentido e a sua aplicação, e assim se distinguem uns dos outros.

Um estudo correto dos termos sinônimos traz à luz os elementos do Ser, mas ainda não ilumina a Ciência do Ser, e como as idéias constituem o Ser, uma Ciência de idéias é imprescindível para a Sua compreensão. Assim foi possível entender tal Ciência, uma vez que seus elementos, as idéias, eram agora compreendidos como identidades claramente definidas. As idéias não são fatos isolados; através da reflexão elas se relacionam umas com as outras e este relacionamento infinito constitui o sistema da Ciência. As idéias sempre operam dentro de um sistema infinito. Doorly reconheceu assim a importância da sentença que a Sra. Eddy escrevera 40 anos antes no Livro-Texto, em 1892, no então recente capítulo intitulado “Ciência, Teologia e Medicina:” “A metafísica divina está agora reduzida a um sistema, a uma forma compreensível e adaptável ao pensamento da época em que vivemos” (C&S 146:31). A questão era agora: Que sistema é esse? Sistemas se apóiam sobre leis e ordens. Quais são as leis e as ordens gerais e fundamentais do Ser? Passo a passo, a revelação respondeu todas as questões concernentes a cientificidade do Ser único e conduziu o entendimento ao ponto em que “o pensamento aceita o infinito cálculo divino” (C&S 520:14). As comportas da Ciência se abriram; o influxo do novo discernimento da estrutura científica do Ser afluíu com uma magnitude inesperada. Não é o propósito deste livro apresentar uma exposição completa da nova visão revelada. O leitor pode consultar a abundante literatura existente acerca deste assunto.

Quando um assunto é compreendido na sua natureza científica, um vasto campo se abre e ao qual novas percepções afluem continuamente. É insensato temer que a constante expansão do entendimento do infinito cálculo divino baseado em um sistema de idéias possa apenas atrair e satisfazer ao intelecto, porque “esse sistema habilita o aluno a demonstrar tanto o Princípio divino, no qual estavam baseadas as curas de Jesus, como as regras sagradas para a aplicação atual desse sistema à cura da doença” (C&S 147:1). Da mesma forma, o seguinte ponto fundamental não pode passar despercebido: O desenvolvimento da cura mental havia mostrado claramente que todo método mental pode apresentar determinados resultados se o paciente se encontrar no mesmo nível; o paciente suscetível à magia pode ser curado pela magia; o paciente fisicamente receptivo pode ser curado por hipnotismo e magnetismo; a mentalidade fraca pode ser curada através da argumentação por uma mentalidade benevolente mais forte; o

crente vivência curas pela fé. Mas em que estado se encontra o pensamento de hoje comparado com o do século passado? O Ocidente se liberou em grande parte da magia e do misticismo, da mera crença e da fé cega, e tem sido educado numa atmosfera científica. Tal mentalidade, predominantemente moldada pela ciência natural, só pode ser atingida e curada de fato, pela Ciência das idéias, e não mais por outros métodos mentais como ainda era possível até meados do século XX. A Ciência das idéias resolve as ilusões de uma época materialmente científica; ela passa a ser o Salvador, o Cristo—ou seja, a Ciência Cristo ou a Ciência Cristã.

### **a) Curando através da Ciência Cristã**

*A base do tratamento.* O tratamento se baseia no entendimento da totalidade de Deus, o bem, e na nulidade do mal. Deus não inclui nada que não seja igual ao bem maior. Nada que não seja como Deus, é real; tratando-se apenas de uma ilusão do senso mortal, uma má interpretação das idéias do Ser. Esta totalidade pode ser compreendida através dos 7 termos sinônimos de Deus, e suas idéias, enquanto identidades definidas do Ser. A Ciência explica a ordem e o sistema desses termos sinônimos e suas idéias. Assim, a consciência do praticante se familiariza de modo inteligente, com o cálculo infinito divino do Ser e, através de um senso científico, espiritual, o praticante se une ao Ser. Curar significa ser espiritualmente científico.

Tal compreensão científica não está apenas convencida da nulidade do mal, mas também explica o seu porque. Deste modo se cumpre o requisito da Sra. Eddy: “Deves descobrir o erro como sendo *nada*, então, e só então o terás dominado na Ciência” (Mis. 334:16). Apenas através do entendimento de cada sinônimo de Deus e suas idéias podem ser discernidas as suas falsificações e ilusões. O erro só pode ser definido como tal do ponto de vista da Verdade. Por exemplo, a carência não é apenas denominada “carência” por que a situação está sendo vivenciada como uma escassez, que pode ser corrigida pela não-escassez. Aquilo que é analisado como uma carência se revela como escassez através da compreensão da plenitude da Vida, estando ou não o senso humano ciente desta.

Deste modo encontrou-se o método de diagnóstico divino, a saber, a leitura da Mente divina. Uma vez que toda doença é efeito de uma causa mental—uma crença, uma ilusão—o caso não poderá ser sanado cientificamente a não ser que sua causa mental seja diagnosticada corretamente. A causa mental permanece oculta ao médico que geralmente procede a partir de um conceito puramente fisiológico e lida apenas com

sintomas corporais. O psiquiatra analisa seu caso a partir do critério de um “psiquismo normal,” um critério que é muito humano, volúvel, questionável e sem valores absolutos. Tais diagnósticos não levam o efeito de volta à causa a fim de descobrir qual é a causa que predispõe e “excita.” Doorly enfatiza assim a importância do diagnóstico divino: a leitura da Mente divina.

O que é a leitura da Mente divina? É “a revelação do propósito divino através da compreensão espiritual, pela qual o homem alcança o Princípio divino e a explicação de todas as coisas” (C&S 83:26). É importante notar que a leitura da Mente divina não lê fundamentalmente pensamentos e crenças humanos. O Princípio do Ser conhece apenas o universo de idéias. A leitura da Mente imortal não está de modo algum preocupada com o erro, mas “é um passo rumo à Ciência da Mente, pela qual discernimos a natureza e a existência do homem” (C&S 84:22). Com a Mente divina só podemos ler a verdade e “poderemos conhecer a verdade com mais exatidão do que o astrônomo pode ler as estrelas ou calcular um eclipse. Essa leitura da Mente é o oposto da clarividência” (C&S 84:30). Mas como este método de leitura da Mente imortal se relaciona com a descoberta e a clarificação das crenças humanas? Esta leitura da Mente é “a iluminação da compreensão espiritual que demonstra a capacidade da Alma, não o sentido material. Esse sentido da Alma vem à mente humana quando esta cede à Mente divina” (C&S 85:2–6). Quando a verdade do Ser surge no nosso entendimento, a mentira específica acerca da Verdade é revelada pela lei de opostos, ficando então possível que secundariamente possamos ler mentes mortais. Este é o diagnóstico científico requerido pela Ciência Cristã. “Alcançarás a Ciência perfeita da cura quando fores capaz de ler a mente humana desta maneira e discernir o que queres destruir” (C&S 85:9). Basicamente o praticante científico não está preocupado nem um pouco com o caso, mas ele exalta a sua consciência ao entendimento de Deus e deixa que a Mente divina revele aquela idéia verdadeira que é a contrafação do caso em questão. Partindo deste ponto de vista poderemos então seguir a regra da Sra. Eddy “Inteira-te daquilo que na tua mentalidade não seja igual ao “ungido” e expulsa-o, discernirás então o erro na mente do teu paciente que faz com que seu corpo adoça” (Mis. 355:21). Só assim é possível atingir a raiz do erro, para que a causa oculta, inconsciente e subconsciente possam ser trazidas à tona. É um método que vai muito além da psicanálise e da psicoterapia.

Ao tratar de seus casos, os praticantes não podem depender de diagnósticos médicos (que se baseiam nas condições físicas), nem dos seus pacientes (que estão confusos pelo erro mental e ignorantes dos fatos), nem

em conhecimentos psicológicos. Tampouco podem se apoiar em casos similares anteriores, pois o infinito jamais se repete e deste modo, um caso nunca é igual a outro. Para os Cientistas Cristãos, cada caso é absolutamente novo, e só podemos nos voltar para a Mente divina a cada nova instância como aquilo que revela ou diagnostica. Por isso podemos entender porque Doorly enfatizava tanto a afirmação da Sra. Eddy: “Pergunta-se muitas vezes por que a Ciência Cristã me foi revelada como a única inteligência analisando, expondo, e aniquilando o falso testemunho dos sentidos físicos” (Ret. 30:10). A Mente divina é a única inteligência à qual podemos recorrer, e esta Mente cura o erro através de três fases, a saber, (1) pela análise, (2) pela colocação a descoberto e (3) pela aniquilação do erro. Essa Mente que tudo conhece e tudo abrange, penetra, assim como a Verdade infinita, a névoa da mente mortal, do pensamento mitológico, e das crenças individuais, coletivas, universais e cósmicas.

Por intermédio desta inteligência única da Mente divina, o erro específico de um caso é exposto. Quando ocorre um erro em alguma computação, ele só pode ser corrigido pela verdade específica, e não por qualquer verdade. A operação  $2 \times 2 = 5$ , não pode ser corrigida pela verdade  $3 \times 3 = 9$ . “A verdade contrária relativa a qualquer doença é necessária para curá-la” (C&S 233:28). A tendência a resolver problemas sempre com a mesma declaração da verdade não equivale à verdadeira natureza de uma prática cientificamente Cristã.

Por que será que durante um concerto sinfônico, uma pessoa pode detectar uma dissonância específica, enquanto uma outra não? Porque a primeira tem uma compreensão musical cultivada. Pela lei da identidade existe uma consonância subjetiva-objetiva do entendimento musical e da tonalidade que está sendo tocada. No momento em que esta identidade se rompe ela é registrada como dissonância. O mesmo se passa quanto a harmonia do ser. Uma compreensão espiritual registra qualquer falta de acordo entre o homem e a Mente divina e pode indicar o erro específico. O senso da Alma em nós reage automaticamente; e então, pela lei de opostos, o erro específico ressalta na consciência de modo inequívoco.

Ao analisar e expor a ilusão, a compreensão espiritual libera o caminho para a aniquilação do erro. Toda ilusão sendo uma contrafação de uma verdade específica, o caso pode ser tratado do ponto de vista da verdade específica. Cada verdade reflete todas as idéias e a resplandecência total desta reflexão é o poder operativo que dissolve a ilusão.

Os Cientistas Cristãos primeiramente curam-se a si mesmos de uma má interpretação da Mente, do Espírito, da Alma, do Princípio, da Vida, da

Verdade, e do Amor. Com esta compreensão científica, ocorre uma mudança. Os praticantes não tentam mais “usar” a Ciência Cristã. Eles reconhecem que não podem ter outra Mente a não ser aquela que pertence à ciência da Mente. Eles permitem que a ciência da Mente se aplique a si mesma. Na Ciência, o homem não precisa se fazer homem; a idéia de Deus não pode se fazer a idéia de Deus; ela já o é. Na Ciência Cristã o homem é a onipotente, onisciente, onipresente e oniativa operação da Mente, do Espírito, da Alma, do Princípio, da Vida, da Verdade e do Amor. A Ciência de Deus se demonstra a si mesma.

A Ciência de Deus fornece tanto o caminho científico para a compreensão divina como a auto demonstração desta compreensão.

***O método de tratamento.*** O tratamento de Doorly se resume no seguinte método:

1. *O praticante inicia o tratamento voltando as costas ao problema, e a todas as sugestões sobre ele. A doença, como toda desarmonia, é efeito, e a causa deste é sempre a mente mortal, por isso sempre é mental. Qualquer que seja o tipo de problema, se ele é denominado funcional ou orgânico, crônico ou agudo, desequilíbrio mental ou psíquico, falta de recursos ou dificuldades em relacionamentos, a sua causa é o paciente não estar conscientemente em concordância com a Mente divina. Deste modo, o indivíduo pode sofrer de uma crença individual, mas na maioria dos casos padece de crenças coletivas e universais, e é controlado por erros inconscientes ou subconscientes. A mente mortal é uma crença de muitos matizes, porém ela apresenta sempre a mesma constante: a má interpretação da onipotente, onisciente, onipresente e oniativa Mente divina. O problema em si, o corpo ou a doença, são mentiras e nunca podem nos informar sobre a verdade; de modo que não podem nos oferecer resposta alguma. A melhor coisa que se poder fazer é abandonar completamente esta mentira e estar “ausente do corpo, e estar presente com o Senhor” (II Cor. 5:8). O tratamento principia com o reconhecimento que “teu remédio consiste em esquecer tudo isso” (C&S 165:19). “O Cientista Cristão cuida melhor de seu corpo quanto mais o deixa fora do pensamento” (C&S 383:7).*

Não é apenas o problema em si deve ser excluído do tratamento, mas também o paciente enquanto pessoa. O Cientista Cristão jamais trata a pessoa: ele entende que o mal “não é pessoa,

lugar ou coisa,” que o paciente ignora a verdade do seu problema (caso contrário não estaria doente), e que o pecador não criou nem a si mesmo nem ao pecado, mas o pecado criou o pecador; ou seja, o erro fez o seu homem mortal” (Ret. 67:18), que “o crente e a crença são uma e a mesma coisa, e são mortais” (C&S 487:17). Toda desarmonia é resultado de uma crença errônea e, como tal, impessoal. O praticante separa o problema da pessoa, e assim, não precisa saber o seu nome, o nome da doença, nem qualquer outra coisa sobre ele. Jesus não costumava perguntar o nome dos seus pacientes nem das suas enfermidades nem estava interessado em saber que órgão estava enfermo. Ele sabia que “a mente mortal e o corpo são uma só coisa” (C&S 177:8) e que ele precisava apenas tratar da crença mortal, sobre a qual o paciente não podia lhe fornecer informação confiável.

Nem o problema, nem o paciente, nem o praticante devem ser incluídos como fatores no tratamento. O praticante verdadeiro não é uma pessoa, mas sim Deus, o divino Ser em si mesmo. Deus disse: “Eu sou Senhor que te cura” (Ex. 15:26). A Verdade é o verdadeiro médico, cirurgião, terapeuta, salvador, redentor; as pessoas não possuem o poder da cura espiritual. Jesus não curava enquanto pessoa: “o Pai que permanece em mim, é quem faz as suas obras” (João 14:10). “O Filho de si mesmo nada pode fazer, senão o que vir o Pai fazer” (João 5:19). O Cientista Cristão não cura em nome de Cristo Jesus, mas em nome de Cristo, a Verdade. Mary Baker Eddy declarou: “Tudo o que realizei foi feito tirando a Mary do caminho, e permitido que Deus se refletisse” (Coll. p. 185). “Aquele que menos se auto-afirmar, será o melhor terapeuta, pois assim ele se torna uma transparência para a Mente divina que é o único médico; a mente divina é o terapeuta científico” (Mis. 59:26). Em caso de doença, quando o paciente e o praticante enquanto pessoas são excluídos como fatores do tratamento, o caminho se abre para o tratamento espiritual

2. *O praticante se volta para a Mente infinita.* Não basta rejeitar o problema e tudo o que a ele se relaciona e declarar que não há problema e pronto. Neste caso haveria um vácuo e o paciente não receberia nada de construtivo. Meramente “estar ausente do corpo,” não soluciona o caso; é preciso também “estar presentes

com o Senhor” (C&S 14:3–4), com a Verdade e o Amor. Quando nos confrontamos com um problema, o nosso pensamento deve voltar-se para Deus e para a contemplação das idéias divinas. “Quando o pensador se encontra perdido na eminência da Mente, ocorre a cura” (Coll. p. 237). Como o homem possui de nascença, por direito divino, a Mente de Cristo, ou seja, ele possui aquela Mente que é Deus, o praticante pode proceder de Deus e de suas idéias infinitas e pode perceber o homem—não o paciente—como Deus o conhece, do mesmo modo que Jacó discerniu o mortal (representado por Esaú, seu irmão hostil) “como se tivesse visto o rosto de Deus” (Gen. 33:10). O praticante não considera seu paciente como um pecador, como um doente, ou como um homem decaído; ele vê o homem como o eleito e como o abençoado de Deus, não com seus próprios olhos, nem com a sua mentalidade humana, mas com uma consciência científica Cristã: “Jesus via na Ciência o homem perfeito que lhe aparecia ali mesmo onde o homem mortal e pecador aparece aos mortais” (476:32). O poder salvador, o poder que cura, se encontra nesta compreensão científica: “Nesse homem perfeito o Salvador via a própria semelhança de Deus, e esse modo correto de ver os homens curava os doentes” (C&S 477:2).

O que é o homem “na imagem e semelhança de Deus?” Ele não é um mortal, nem doente e nem saudável; o homem é a idéia composta de Deus. Deste modo o tratamento consiste em voltar-se para Deus e suas idéias infinitas e contemplar, na consciência o verdadeiro homem. O que é o homem visto a partir de Deus? O praticante sabe que porque Deus é Mente, o homem é uma idéia inteligente, ativa, ordenada e poderosa; porque Deus é Espírito, o homem é a idéia de ordem, desenvolvimento, realidade, e substância; porque Deus é a Alma, ele é uma idéia sem pecado, impecável, incorpórea, identificada, alegre e satisfeita; porque Deus é o Princípio, o homem é a idéia de demonstração, de Ciência e sistema, da idéia de governo harmonioso e de operação divina; porque Deus é Vida, o homem é a eterna e espontânea idéia do ser; porque Deus é a Verdade, o homem é a idéia de domínio, de direito filial, de consciência divina, de integridade e saúde; porque Deus é Amor, o homem é a idéia de realização perfeita e salvação, a idéia do plano divino.

A consciência se apóia agora sobre o fato enaltecido que Deus conhece aquilo que é denominado homem somente como a Sua própria idéia, sem corpo, pessoa, lugar ou tempo. Deus, o Ser divino, é cômscio do homem de um modo infinitamente individual—sem se repetir a si mesmo. Deus conhece o homem “antes que Abraão existisse.” Deus conhece o homem apenas como idéia, vivendo, se movendo, e existindo na Vida, Verdade, e Amor. Nesta consciência divinamente unificada, o homem é ciente da sua própria integridade e perfeição. O praticante sabe que o homem é cômscio do que ele é na realidade, e que ele é íntegro.

3. *A verdadeira identidade daquilo que é denominado “um problema” aparece.* Na medida em que o praticante enaltece a sua consciência vendo a idéia de Deus do ponto de vista de Deus e se torna consciente da verdadeira identidade do homem, a identidade específica daquilo que constitui a contrafação do assim chamado problema se define na sua consciência. A verdade específica acerca do erro a ser tratado é identificada por meio do sentido da Alma. Isto é possível através da lei da identidade da Alma, pela “revelação do propósito divino através da compreensão espiritual, pela qual o homem alcança o Princípio divino e a explicação de todas as coisas” (C&S 83:26) no pensamento. O plano do Amor divino é salvar o homem e deste modo o Amor identifica, através da Alma a idéia redentora de cada necessidade humana.

A Alma tem sua impulsão própria e infinitos meios para se apresentar à consciência e para identificar a idéia redentora. Quanto mais pura for a consciência, mais ela é receptiva à Ciência da Alma, e a constante e verdadeira identificação é inequivocamente reconhecida. No momento em que a idéia certa aparece, ela se manifesta como onipotência, onisciência, onipresença e oniatividade, e em geral isto é suficiente para curar o caso. A idéia em si opera como onipotência, possuindo todo o poder necessário para obter a vitória sobre o erro; ela é onisciente, sabendo assim como lidar com o erro; ela é onipresente e, por conseguinte, não precisa nem de pensamento nem de poder de transferência; ela é oniativa e trabalha o campo do Espírito de modo auto operativo—independente do tempo e do espaço.

4. *A idéia verdadeira revela o erro governante.* Na medida em que o praticante “alcança o Princípio divino e a explicação de todas as coisas” (ibid.) e a verdade específica se identifica espiritualmente para ele num caso determinado, esta revelará, através da lei dos opostos, o erro na mente do paciente que causa a sua moléstia corporal. O erro a ser tratado, a raiz do mal, é reconhecido pela a consciência espiritual pura assim como uma nota desafinada é reconhecida pelo músico. Deste modo, a verdadeira idéia de Deus e não o pensamento correto do praticante revela o erro. Toda idéia revela a sua contrafação como ilusão. Este é o diagnóstico divino que torna supérfluos todos os outros diagnósticos. O praticante Cristão científico não elabora sobre um diagnóstico médico, pois isto é inútil, mesmo se do ponto de vista clínico o caso for diagnosticado corretamente; tampouco ele sujeita seu paciente a um infindo questionário para descobrir alguns erros psíquicos, pois mesmo se uma atitude interna errônea ficar aparente, isto não significa que é a causa da doença a ser tratada. Só a Mente divina diagnostica corretamente. Raramente um caso é aquilo que aparenta ser, quer do ponto de vista médico, quer do ponto de vista psicológico.
  
5. *O erro específico é compensado pela plenitude da verdade específica.* Através da (1) análise e da (2) colocação em descoberto, o erro foi (3) aniquilado. “O erro desvendado já está dois terços aniquilado e o último terço se destrói a si mesmo, pois o restante só estimula e dá lugar a uma demonstração mais elevada” (Mis. 355:13). O fato que o erro é sempre uma mentira acerca da verdade e o fato que através da leitura da Mente o erro específico é analisado e revelado, permitem ao praticante tratar deste erro com a plenitude da verdade específica vendo-a refletir todas as outras idéias até que a sua abundância traga à luz a totalidade da idéia. Nesta radiação da idéia não existe nada que esteja enfermo. Por exemplo, se a Mente divina tiver revelado que o erro controlando o caso é o descontentamento, isto aponta para o fato do ser que Deus, a Alma está sempre estado de satisfação total. A satisfação é uma idéia da atividade legítima (Mente); apenas as qualidades e os valores espirituais podem acarretar a satisfação duradoura (Espírito); somente o senso espiritual pode sentir a verdadeira satisfação (Alma); o senso pessoal jamais pode ser satisfeito,

apenas a submissão ao Princípio divino pode demonstrar a satisfação (Princípio); tal satisfação tem uma influencia enaltecedora e estimulante (Vida); ela pertence à consciência verdadeira que se auto-afirma (Verdade); e se encontra constantemente em estado de plena realização, paz e repouso (Amor). Com a compreensão dos termos sinônimos de Deus e suas idéias, a verdade que controla cada caso é entendida e “dá lugar a uma demonstração mais elevada” (ibid.).

6. *A idéia divina é onipotente no campo da Verdade e no campo das crenças humanas.* A idéia divina não somente reflete a Deus e todas as suas idéias e opera no campo da Verdade e da realidade, como também atua, devido a sua própria verdade, no campo das crenças errôneas como uma irresistível alternativa para cada erro. A idéia cura, ela resgata a consciência humana da sua própria concepção errônea, conduzindo os juízos falsos das suas auto-impostas crenças ao esclarecimento da unicidade do homem com a idéia espiritual, o homem e o Princípio divino, constantemente demonstrando a harmonia do ser. Não há limites para o que a idéia seja capaz de fazer; suas possibilidades ultrapassam as concepções humanas. A idéias atuam sobre a mente mortal forçando-a a abandonar as crenças da humanidade material e mortal. A aquiescência do falso juízo se apresenta ao pensamento humano como uma condição material melhorada denominada cura ou salvação.
7. *Todo tratamento da Ciência Cristã abençoa.* Todo tratamento que parte de um entendimento científico da Mente, do Espírito, da Alma, do Princípio, da Vida, da Verdade e do Amor e se torna consciente do universo das idéias do ponto de vista de Deus, e se move dentro do seu próprio campo de realidade divina. Tal tratamento é uma verdade irreprimível que não pode deixar de corrigir o erro; ele sempre cura e nunca se esvai, jamais é em vão. Talvez ele possa não atingir aquilo que foi humanamente desejado, pois realiza algo bem superior: ele atinge aquilo que a idéia divina quer alcançar. Os efeitos de um tratamento divino continuam indefinidamente porque eles compartilham da natureza eterna da Vida. As curas de Jesus são eficazes ainda hoje.

A diferença entre o método de tratamento de Doorly e os métodos anteriores se torna evidente ao tomarmos, por exemplo, um caso de indigestão. Utilizando o método da argumentação poder-se-ia afirmar todos os fatos relativos à saúde, e negar todas as sugestões relativas à indigestão; afirmar-se-ia que Deus criou apenas um estômago sã e sua atividade saudável, que o homem sabe que ele possui apenas um estômago saudável e que este estômago não pode adoecer, nem causar dor ou enfermidade. Tal método trata o efeito, ou seja, a indigestão, e não a sua causa mental.

O método metafísico tenta curar pela idéia que a indigestão é uma mentira. O praticante metafísico pode constatar que só há a “digestão divina da Ciência” (Rud. 3:15); ou que só existe “a alquimia do Espírito” (C&S 422:20), se este for um caso de acidez; ou “que a Mente governa os intestinos” se for um caso de prisão de ventre.<sup>51</sup> Este método ainda procede do testemunho do corpo—seja ele certo ou errado—e tenta tirar conclusões a partir do erro para a idéia; ele ainda visa a cura do corpo e não do homem, do efeito (a doença) e não da causa mental. Este tratamento ainda está no nível da psicoterapia, e se estabelece principalmente sobre a assim chamada “linguagem dos órgãos” da medicina psicossomática (alguém padece de doença cardíaca porque certa situação da sua vida lhe “quebrou o coração;” um paciente com problemas da coluna indica que algo ou alguém “está nas suas costas”; quem tem paralisia nas pernas é porque “gostaria de escapar” de alguma situação e não pode; problemas estomacais surgem porque o paciente não “consegue engolir alguma coisa”). Este método metafísico também visa a cura do corpo e não a cura do homem, e por isso as recaídas na mesma doença, ou em outras, ocorrem com freqüência pois a causa verdadeira não foi nem diagnosticada nem corrigida divinamente.

O método da cura pela unicidade do Ser considera a indigestão como uma “não-digestão,” porque Deus, a Mente, na sua infinitude não tem nada o que digerir.<sup>52</sup> Apesar desta ser uma declaração da verdade, ela não atinge o erro específico e é inadequada em duas instâncias: primeiramente, ela ainda parte do corpo enfermo e seus sintomas e não toca na causa mental da doença; em segundo lugar a cura consiste em restaurar a digestão sã do paciente, e não proclamar o conceito que ele não tem nada o que digerir. Para o paciente é necessário que seu organismo volte “àquele padrão que, segundo decisão da mente mortal, é essencial para a saúde” (C&S 373:33). Após a crucifixão, Jesus primeiramente restaurou a normalidade ao corpo, e

---

<sup>51</sup>John W. Doorly, *Christian Science Practice*, 2nd Ed. (London: The Foundational Book Company para o John W. Doorly Trust, 1958), p. 239.

<sup>52</sup>Veja Charles S. Braden, *Christian Science Today* (London: George Allen & Unwin Ltd., 1958), p. 312.

só depois, durante a ascensão, se tratou num nível mais alto, aquele da Ciência divina, ao se liberar do corpo material e manifestar o corpo puramente espiritual.<sup>53</sup>

O corpo enfermo precisa primeiramente voltar à suas funções normais. Este é o propósito de um tratamento da Ciência Cristã. Este método de cura não começa pela indigestão ou pelo o estômago, com um diagnóstico médico, e nem mesmo pela narrativa do paciente; ele parte de Deus. Com a Mente de Cristo, o praticante se volta para a Mente onisciente que diagnostica o caso e revela através da leitura da Mente a idéia específica que está controlando o caso. Tal análise espiritual pode, por exemplo, revelar que a verdade específica é a satisfação, o que desvenda imediatamente que a causa mental é a insatisfação, e que a crença de falta de satisfação na vida pode ser resolvida pela idéia da verdadeira satisfação. Deste modo o paciente é curado primeiro, e depois o seu corpo. Que diferença enorme em método de tratamento quando a insatisfação é tratada em lugar da indigestão!

É importante notar que não se pode concluir a partir da ilustração acima que a causa da indigestão seja sempre a insatisfação. As causas de indigestão podem ser múltiplas: a crença em hereditariedade, a má nutrição, o nervosismo, a ingratidão, o medo, o contágio mental, e assim por diante. Qual dentre as inúmeras crenças deverá ser retificada num caso específico será relevada pela Mente divina. Assim, a insatisfação nem sempre é a causa de toda indigestão e nem sempre se manifesta como indigestão, podendo se manifestar como qualquer outra moléstia. Não é científico estabelecer uma regra quanto a relações definitivas que existam entre causas mentais e psíquicas e as doenças que delas resultam. Cada ocorrência é diferente; não existem casos de praxe. Os praticantes devem orar em cada caso, para estarem receptivos à revelação da solução. Eles não se deixam guiar por casos anteriores de natureza semelhante, nem se deixam influenciar pelo seu conhecimento da medicina psicossomática ou da psicoterapia. Eles assumem a seguinte postura: “Que a Verdade ponha a descoberto o erro e o destrua do modo como Deus o destrói” (C&S 542:19).

Apesar de Doorly, no seu livro “A Prática da Ciência Cristã,” ter apresentado predominantemente este método de tratamento científico Cristão, ele estava ciente, nos seus últimos anos, que um outro desenvolvimento viria se impor. Ele indicou que dentro dos parâmetros da Ciência do Ser há quatro níveis diferentes da consciência, a saber, (1) a

---

<sup>53</sup>Veja o artigo “ A Correction,” My., p. 217-218.

Ciência Cristã, (2) a Ciência Cristã absoluta, (3) a Ciência divina, e (4) a Ciência em si, e que cada nível requer um método de prática diferente. Não trataremos extensivamente aqui destes estágios essenciais, apenas os introduziremos na exposição a seguir.<sup>54</sup>

### **b) A cura pela Ciência Cristã absoluta**

“O termo Ciência Cristã se relaciona especialmente com a Ciência, como é aplicada à humanidade” (C&S 127:15), e “foi introduzido pela autora para designar o sistema científico da cura divina” (C&S 123:16). Sempre que se perguntar como o poder da Verdade é “exercido sobre o erro visível e o pecado audível” (C&S 559:7), a consciência se encontrará no nível da Ciência Cristã. “A cura das enfermidade físicas é uma parte mínima da Ciência Cristã. É apenas o toque de clarim para se pensar e agir, na mais alta esfera do bem infinito. O propósito enfático da Ciência Cristã é a cura do pecado” (Rud. 2:23). Se formos capazes de nos curar do pecado, ou seja, da crença que o homem está separado de Deus, o pecado não pode causar a doença e, por conseguinte, não precisaremos dela ser curados. Deste modo, atingimos a prática preventiva da Ciência Cristã absoluta pela qual “o erro elementar, latente, fonte de todas as formas visíveis do erro” (C&S 559:5) é tratado. A prática da Ciência Cristã absoluta não lida fundamentalmente com o erro concreto, mas com a essência ou o erro em si, ou seja, com a crença que o erro possa existir.

Os estudantes da Ciência Cristã não estudam esta ciência com o fim de se curar a si mesmos usando um tratamento espiritual em vez de um tratamento médico, caso venham a adoecer. Sua meta é bem mais elevada. A Ciência Cristã é para eles a Ciência da Vida real, um novo modo de Vida; a sua consciência é uma nova consciência universal da Verdade, uma consciência de idéias. Logo, a Ciência Cristã absoluta se preocupa principalmente com a demonstração científica de valores espirituais e idéias, e não, como a Ciência Cristã, com a correção de erros. As idéias são sempre as idéias do Princípio divino; assim a Ciência Cristã absoluta busca determinar de modo espiritual e científico as infinitas relações do Princípio e suas idéias. A Ciência Cristã é chamada “absoluta” por que ela não se preocupa fundamentalmente com o efeito da verdade sobre o humano, o relativo. A Verdade é buscada pela Verdade em si; as idéias são pesquisadas

---

<sup>54</sup>Para uma apresentação mais detalhada deste assunto, veja Max Kappeler, *The Four Levels of Spiritual Consciousness: Science itself divine Science, absolute Christian Science, Christian Science* (Seattle: Kappeler Institute Publishing USA, 1970).

a fim de moldar uma nova consciência; o erro latente é corrigido antes que tenha uma oportunidade de se manifestar externamente.

No nível da Ciência Cristã, todos os esforços são canalizados para fazer do doente uma pessoa sã. Na Ciência Cristã absoluta se demonstra que o homem nunca pode adoecer. “Quando o homem demonstrar a Ciência Cristã absoluta, será perfeito. Não poderá pecar, sofrer, estar sujeito à matéria, nem desobedecer à lei de Deus” (C&S 372:14). Deste modo a Ciência Cristã obtém o seu poder da Ciência Cristã absoluta.

Como a Ciência Cristã absoluta se ocupa apenas com a relação do Princípio e suas idéias infinitas, o tratamento dos doentes requer uma prática diferente. Esta prática mais avançada só pode ser usada corretamente se o entendimento já tiver atingido o plano mais alto da Ciência Cristã absoluta, de modo que o praticante não possa meramente fazer declarações absolutas. A Sra. Eddy advertiu seus estudantes de modo inequívoco que ela poderia declarar a um dispéptico: “Não tens estômago”—este sendo o ponto de vista da Ciência Cristã absoluta—mas os alunos poderiam dizer apenas, “Coma, pois isto lhe faz bem” (Coll p.6)—o ponto de vista da Ciência Cristã. Ela disse também a Kimball: “Você pode afirmar que eu tenho um fígado perfeito ou que não existe um fígado, dado que o pensamento subjacente a tais afirmações esteja certo.”<sup>55</sup> A primeira afirmação (tenho um fígado perfeito) é do ponto de vista da Ciência Cristã, a segunda (não existe um fígado) é do ponto de vista da Ciência Cristã absoluta e só poderá ter um efeito curativo, e não destrutivo, se o praticante entender o que significa cientificamente a personificação verdadeira do Princípio divino como “o corpo divino deste Princípio” (C&S 559:25).

Como os três sinônimos Mente, Espírito e Alma, são os sinônimos de Deus necessários para a interpretação do universo material, eles são característicos do nível da Ciência Cristã, enquanto que a consciência no plano da Ciência Cristã absoluta se preocupa principalmente com a Vida, a Verdade, e o Amor. A Mente corrige a crença da mente mortal; o Espírito a crença na matéria; a Alma, a crença no testemunho dos órgãos dos sentidos. Sem a mente mortal manifestada objetivamente como matéria e percebida pelos sentidos físicos, o universo material desapareceria. A consciência assim se eleva acima do nível material e passa a residir no campo do Princípio que se demonstra a si mesmo apenas como as idéias da Vida, da Verdade e do Amor.

Este é o nível da Ciência Cristã absoluta. O Livro-Texto usa

---

<sup>55</sup>Carta de Kimball ao Juiz Hanna (29 de Novembro de 1907).

combinações tais como Vida, Verdade e Amor; Verdade, Vida e Amor; Vida e Amor; e muitas vezes Verdade e Amor. Estas combinações também fazem parte do tratamento na Ciência Cristã absoluta.

1. *A Vida, a Verdade, e o Amor constituem o verdadeiro praticante.* A Sra. Eddy descobriu a Ciência Cristã como as leis divinas da Vida, da Verdade e do Amor. O que estas leis significam? A lei da Vida é a lei da espontaneidade, da eterna novidade, da presença no agora, da qualidade de ser imediato, da contínua impulsão criativa. Esta lei ignora a lei da causalidade; o seu impulso criativo é completamente independente do passado, ela não investiga causas remotas e não tira conclusões do passado para o presente, ou do presente para o futuro. A lei da Verdade é a lei da auto-afirmação de Deus, da auto-realização de Deus, da auto-revelação de Deus, e da auto-aplicação de Deus. Esta lei opera independentemente do fato das pessoas desejarem ou não demonstrar afirmar, ou reivindicar a verdade. A lei do Amor é a lei da auto-perfeição, da auto-retenção, do plano infinito, da completa integração de cada detalhe no plano infinito do Ser, do mais alto propósito e auto-realização. Ela não tenta tornar algo perfeito, ou atingir alguma meta passo a passo, melhorar algo ou realizar apenas parcelas do plano.

As leis da Vida, da Verdade, e do Amor combinados em *uma* lei é a constante impulsão criativa de Vida, trazendo a luz a novidade do ser, independente do passado, sabendo que ela expressa apenas os verdadeiros fatos do ser (Verdade), integrados em um todo perfeito (Amor). A Vida, a Verdade e o Amor constituem o eterno: “Haja... (Vida)...e Deus criou (Verdade)... e era bom (Amor).” Esta criação absoluta não admite o erro nem melhoramentos à criação. Vida, Verdade e Amor é a lei da progressão infinita. “A Progressão infinita é o ser concreto” (Mis. 82:20).

A lei da Vida, Verdade, e Amor é o verdadeiro praticante proporcionando um tratamento contínuo ao todo do ser; por meio disso podemos afirmar em nosso âmago: “Que assim seja,” isentos de quaisquer concepções materiais, reconhecendo que só o bem maior está ocorrendo, e agradecidos pelo fato de que na realidade Deus é Vida, Verdade e Amor, proporcionando-nos

continuamente o melhor tratamento. Deste modo somos liberados do fardo de viver a Vida divina tendo que demonstrar a Verdade e atingir algo de divino (Amor); e aceitamos completamente a ação perpétua da Vida, da Verdade e do Amor.

2. *A Verdade, a Vida e o Amor constituem o tratamento.* A Vida, a Verdade e o Amor—o praticante divino—é consciente do ideal divino. Este praticante só pode proporcionar o tratamento que corresponda ao ideal mais elevado de Deus. Cristo, a Verdade, expressa este ideal na infinita individualização (Vida), e de modo que cada manifestação individual está adaptada ao plano divino e, portanto, atinge a sua realização individual (Amor). Assim, a Vida, a Verdade e o Amor é o Cristo de toda a progressão do ser, a tradução contínua da Vida, da Verdade e do Amor em idéias. O ideal *único* manifesta idéias infinitas de si próprio através deste auto-tratamento. O homem está constantemente sujeito a este tratamento do Cristo: “A Verdade, a Vida e o Amor são as únicas exigências legítimas e eternas impostas ao homem, e são legisladores espirituais, que compelem a à obediência por intermédio de estatutos divinos: (C&S 184:12). Sob este tratamento, o homem “não poderá pecar, sofrer, estar sujeito à matéria, nem desobedecer a lei de Deus” (C&S 372:15). Então, “A Verdade, a Vida, e o Amor são uma lei de aniquilamento contra tudo o que lhes é dessemelhante, porque nada proclamam senão Deus” (C&S 243:27).

Como a consciência do ideal divino único é só *um* tratamento (mesmo que infinitamente individualizado), ele consiste em um método coletivo de tratamento. Neste nível não se proporcionam tratamentos especiais para cada paciente individual. A Verdade impessoal é a verdade acerca de tudo; desta feita, todos compartilham as bênçãos deste tratamento único da Verdade, da Vida e do Amor. Jesus curou a multidão com *um* tratamento. “A Verdade, a Vida, e o Amor divinos davam a Jesus autoridade sobre o pecado, a doença e a morte” (C&S 26:140). Neste ponto o praticante cientificamente Cristão cultiva a consciência de todos os pacientes que buscando o seu auxílio são conhecidos da Verdade e são atingidos pelo tratamento da Verdade que conhece todas as verdades individuais simultaneamente.

3. *A Vida e o Amor constituem o verdadeiro paciente.* O verdadeiro paciente não é um pecador, um doente ou um moribundo—não se trata de um mortal. Na Ciência Cristã absoluta o Princípio contempla apenas a sua própria idéia da paternidade da Vida e da maternidade do Amor constituindo o homem. A Vida é o eterno provedor, o criador infinito mantendo a sua própria criação e fornecendo a abundância e a novidade da Vida; o Amor protege, cuida e abraça a sua criação. A Vida e o Amor são “um só Pai com sua família universal unidos no evangelho do Amor” (C&S 577:3). Na Ciência Cristã absoluta, o paciente é erguido a uma estatura enaltecida, absoluta do homem. Tudo aquilo que flui da impulsão da Vida e é consumado pelo Amor constitui o homem—o único paciente reconhecido pelo praticante que é a Vida, a Verdade e o Amor.

Do mesmo modo como na Ciência Cristã absoluta existe apenas *um* praticante, apenas *um* tratamento, assim existe apenas *um* paciente, a idéia universal do homem, constantemente suprida pela abundância da Vida e contida na perfeição do Amor. Nesta superabundância de integridade e saúde não há lugar para a doença. Aqui somos liberados da responsabilidade de ter que demonstrar o homem. A Vida e o Amor demonstram o homem continuamente e com sucesso.

4. *A Verdade e o Amor constituem a saúde perfeita.* Na Ciência Cristã absoluta estamos liberados da necessidade de demonstrar a saúde. Aquilo que ainda não exista no ser, não pode ser criado. Tudo o que pode ser demonstrado já existe, e o que já existe constituem fatos imutáveis (Verdade) em toda a sua perfeição (Amor). O matemático não necessita criar  $2 \times 2 = 4$ .

Este cálculo é um fato que sempre existiu e pode ser apreciado na sua perfeição. A totalidade da Verdade inclui todas as verdades e é a perfeição da Verdade (Verdade e Amor). Toda idéia já existe como uma idéia perfeita e ideal; nada precisa ser adicionado; ela contém tudo o que é necessário para ser completa. A saúde é uma forma consumada e não pode se perder, por isso não precisa ser recuperada. A salvação é um fato irrefutável.

### c) A cura pela Ciência divina

Uma vez que o pensamento estiver familiarizado com a Ciência Cristã, e a aplicação da verdade sobre o erro material for compreendida, e uma vez que ele se elevar à Ciência Cristã absoluta e perceber que na realidade o Princípio reconhece apenas o infinito calculo divino de idéias que não tem consciência de ilusões com seus fenômenos errôneos, a consciência estará pronta a aceitar um nível ainda mais alto e avançado: a Ciência divina. A Ciência Cristã absoluta contempla a relação do Princípio com suas idéias infinitas, além disso ela expõe como a Vida, a Verdade, e o Amor se manifestam como as idéias da Vida, da Verdade e do Amor. Na Ciência divina, a consciência atinge a compreensão que o Princípio e sua idéia é um. Fica entendido que Deus é um, e não Deus e a criação de Deus. Deus é Deus e Deus se contemplando a Si mesmo. Deus é Deus incluindo a sua reflexão, Deus é o Ser infinito único, consciente de si mesmo como a Vida una, a Verdade una, e o Amor uno. Na Ciência Cristã absoluta se contempla a Vida e as idéias da Vida, a Verdade e as idéias da Verdade, o Amor e as idéias do Amor. Na Ciência divina, a Vida é entendida como a única Vida, a Verdade como a única Verdade e o Amor como o único Amor. Na Ciência divina, o único Princípio divino inclui em si o seu ideal divino—a Vida única, a Verdade única, e o Amor único.

Jesus curava sobre a base da Ciência divina: “Ele estava em ação na Ciência divina” (C&S 53:10). Supridos pela única consciência divina que é cônica de todas as verdades como a Verdade única, os praticantes estão cientes da unicidade e da inteireza do Ser. Ao atingir este nível de consciência eles não necessitam de informações sobre a verdade específica, nem sobre o erro específico—e nem mesmo acerca do infinito cálculo infinito de idéias. A Verdade como tal, a Verdade toda, permeia a sua consciência, e esta Verdade não sabe nada sobre qualquer crença errônea que precise ser corrigida.

Ainda que no início a Sra. Eddy ensinara ao seus alunos a “Ciência da harmonia física” (Un. 6.10), ela própria curava no nível da Ciência divina: “Ao ver e sentir claramente que o infinito não reconhece a doença, isto não me separou de Deus mas a Ele tanto me uniu que fui capaz de curar um câncer que já havia atingido à veia jugular” (Un. 7:8). Quanto mais a consciência se eleva na compreensão científica, mais poderosa ela se torna: “Um reconhecimento do infinito invisível confere um poder inigualável” (Un. 7:20). A Sra. Eddy definiu tal tratamento como “o reconhecimento absoluto da presente perfeição” (Coll. p.247). Enquanto para seus alunos a

afirmação: “Deus é Tudo” era uma mera afirmação, para ela esta significava o entendimento divinamente científico que cura instantaneamente.<sup>56</sup> Neste ponto o trabalho de cura se torna fácil.

O Um infinito tem uma natureza divina: *uma* Vida, *uma* Verdade, *um* Princípio, Amor. Aqui entendemos que a *única* Vida é a individualidade infinita cujo propósito não é demonstrar a individualidade e a vida de cada indivíduo. A Vida vive a si mesma como a sua própria Vida plena. A vida demonstra a Vida—não somente as idéias da Vida, como no nível da Ciência Cristã absoluta. A vida é o Eu Sou; é o Eu Sou que sempre se expressa a si mesmo como o Eu Sou inteiro e não está confinado a resolver problemas individuais.

Na Ciência divina, o indivíduo é cômico da Verdade como a Verdade única, que sempre se demonstra a si mesma como toda a sua própria Verdade. A Verdade é a sua infinita consciência de si mesma. Aqui se encontra a Verdade em si, a Verdade que não conhece o erro e não se preocupa com a demonstração de uma verdade específica, como no caso da Ciência Cristã absoluta. Ao praticar no nível da Ciência divina “não é necessário saber nada sobre o erro” (Coll. p. 177).

O Amor *único* e a sua infinita auto-retenção; jamais se encontra sem a sua própria manifestação universal. No plano da Ciência Cristã absoluta, se demonstra a relação de Amor e a idéia do Amor; a Ciência divina reconhece o todo do ser como um estado do único Amor. Na Ciência Cristã absoluta se reconhece que Deus ama o homem, que os homens deveriam se amar uns aos outros e que o homem deve amar a Deus. Na Ciência divina fica entendido que o Amor é só o Amor e que não há outro amor. Esta é a base da cura instantânea. Durante um curso de instrução ministrado pela Sra. Eddy em 1888, um estudante anotou o seguinte: “A Sra. Eddy disse que também utilizaríamos as “velhas redes” e a palavra (a argumentação), mas ao nos darmos conta que *Deus é Tudo*, não mais necessitaremos argumentos, a *realização* da Totalidade de Deus será o doutor de todo o erro” (Mis. Doc. p.87). Dez anos depois (1898), na sua última classe, a Sra. Eddy elevou o seu ensinamento para o plano da Ciência divina. Um estudante desta classe perguntou: “Como poderíamos curar os enfermos instantaneamente?” e logo respondeu a sua própria pergunta: “Ao nos darmos conta da consciência do Amor.” A Sra. Eddy ouviu pacientemente e disse, “Você respondeu muito bem, muito bem mesmo. Mais ainda não se aproximou o suficiente. Agora vou dizer como eu curaria instantaneamente. Não apenas me dando conta da

---

<sup>56</sup>Veja as várias referências em Coll. p. 229, 272, 285.

consciência do Amor—porém, AMOR!” (Mis. Doc. p.110–11).

Na Ciência divina, o Princípio divino *único*, o Amor, não é estático, mas sim, dinâmico. Ele opera como a atividade total no plano divino. Como o Princípio está trabalhando para alcançar o mais alto sentido do Ser, tudo se move numa grande harmonia. Neste movimento que não requer esforço tudo já é íntegro. “Na Ciência divina, Deus é Um e é Tudo; ao Se governar ele governa o universo” (Mis. 258:13). O Princípio divino, o Amor é a operação infinita dentro de si mesmo para a sua própria glorificação; é a totalidade dinâmica, a saúde.

Neste nível o tratamento consiste da consciência de que no Ser único nada ocorre que não seja a Mente se manifestando a partir de si mesma, por si mesma, como ela mesma e para a sua própria glória; o Espírito refletindo-se a si mesmo, a partir de si mesmo, através de si mesmo, como ele mesmo e para a sua própria glória; a Alma, identificando-se a si mesma a partir de si mesma, por si mesma, como ela mesma e para a sua própria glória; o Princípio demonstrando-se a si mesmo a partir de si mesmo, por si mesmo, como ele mesmo e para a sua própria glória; a Vida eternizando-se a si mesma a partir de si mesma, por si mesma, como ela mesma e para a sua própria glória; a Verdade estando cônica de si mesma a partir de si mesma, por si mesma, como ela mesma e para a sua própria glória; e o Amor realizando-se a si mesmo a partir de si mesmo, por si mesmo, como ele mesmo e para a sua própria glória. O Ser único se movimenta numa eterna dinâmica dentro de si mesmo.

#### **d) A cura através da Ciência em si**

A Ciência em si é o nível mais alto que somos capazes de entender. O que a Sra. Eddy descobriu foi fundamentalmente a Ciência mas para torna-la compreensível à nossa geração, ela a reduziu à Ciência divina, Ciência Cristã absoluta, e Ciência Cristã, à metafísica divina e até a argumentos mentais quanto a verdade. No seu Livro-Texto, todos estes estágios estão entremeados delicadamente. Nenhum dos vários métodos de tratamento é supérfluo; cada um tem a sua função específica. Eles guiam o aluno e o praticante na sua jornada para percepções mais avançadas do Ser. Os planos mais altos sempre incluem os planos inferiores, até que finalmente o ponto de vista da Ciência pura, que inclui todas as categorias de entendimento e demonstração é alcançado. Na Ciência, os conceitos de “Deus” e “homem” dão lugar ao Princípio infinito e à idéia infinita. A Ciência se ocupa do Um infinito, do Todo indivisível, do Eu único, ou Ego. Este ser científico é um

ser constituído de lei, ordem, regra e sistema. A Ciência em si é a Ciência de todas as ciências, o Princípio de todos os princípios. Toda manifestação é a manifestação da Ciência única; “e a Ciência não concebe um desgarrar-se da harmonia, nem um retornar à harmonia, mas sustenta que a ordem divina ou lei espiritual, na qual Deus e tudo o que ele cria são perfeitos e eternos, permaneceu inalterada em sua história eterna” (C&S 471:1).

O Livro-Texto apresenta apenas algumas raras passagens no nível da Ciência em si. Um exemplo marcante é a frase na página 310: “Deus é a sua própria Mente infinita.” Aqui até o termo idéia foi eliminado. Trata-se a pura linguagem dos sinônimos; nesta afirmação simples a lei mais alta é apresentada. E quão infinita é esta lei! Como Deus nada mais é que um termo geral para Mente, Espírito, Alma, Princípio, Vida, Verdade e Amor, esta lei pode ser elaborada infinitamente.

Por exemplo, se substituirmos o termo Deus na afirmação acima, por cada um dos 7 sinônimos, chegaremos à seguinte lei: a Mente é a sua própria Mente infinita; o Espírito é a sua própria Mente infinita; a Alma é a sua própria Mente infinita; o Princípio é a sua própria Mente infinita; a Vida é a sua própria Mente infinita; a Verdade é a sua própria Mente infinita; o Amor é a sua própria Mente infinita. E como a Mente infinita também é sinônima com todos os outros termos sinônimos, podemos também derivar a seguinte lei: a Mente é a sua própria Mente infinita; a Mente é o seu próprio Espírito infinito; a Mente é a sua própria Alma infinita; a Mente é o seu próprio Princípio infinito; a Mente é a sua própria Vida infinita; a Mente é a sua própria Verdade infinita; a Mente é o seu próprio Amor infinito.

Esta mesma lei pode ser estendida substituindo-se no parágrafo precedente, o termo Mente por qualquer um dos outros sinônimos. Assim, o Espírito é a sua própria Mente infinita; o Espírito é o seu próprio Espírito infinito; o Espírito é a sua própria Alma infinita; o Espírito é o seu próprio Princípio infinito; o Espírito é a sua própria Vida infinita; o Espírito é a sua própria Verdade infinita; o Espírito é o seu próprio Amor. Deste modo podemos continuar expandindo a lei com cada um dos sinônimos; por conseguinte, a Alma é a sua própria Mente infinita; etc. Depois, a mesma lei com o Princípio: o Princípio é a sua própria Mente infinita. A mesma lei quanto à Vida, depois quanto à Verdade e finalmente quanto ao Amor que é a sua própria Mente infinita.<sup>57</sup>

É igualmente legítimo expandir esta lei e incluir o seu contrário como

---

<sup>57</sup>Para mais informações sobre este tópico, veja Max Kappeler, *The Four Levels of Spiritual Consciousness: Science itself divine Science, absolute Christian Science, Christian Science* (Seattle: Kappeler Institute Publishing USA, 1970).

erro. Assim fortalecemos a lei ao obtermos: A Mente é a sua própria Mente infinita, de modo que não existe nenhuma outra mente, nenhuma mente mortal; o Espírito é o seu próprio Espírito infinito, de modo que a matéria não existe; a Alma é a sua própria Alma infinita, de modo que o sentido material não existe; o Princípio é o seu próprio Princípio infinito de modo que não existe nenhum sentido pessoal; a Vida é a sua própria Vida infinita, de modo que a morte não existe; a Verdade é a sua própria Verdade infinita de modo que o erro não existe; o Amor é o seu próprio Amor infinito, de modo que o medo não existe.

Desta feita, ao estudarmos esta lei na tonalidade dos sete sinônimos de Deus, poderemos ouvir toda a sinfonia do ser espiritual.

“Antes que Abraão existisse, eu sou” (João 8:53).

## **Sobre o Autor**

O Dr. Max Kappeler (da Suíça), foi um estudante de John W. Doorly (da Inglaterra), dedicou sua vida ao estudo da Ciência Cristã. Depois de completar o seu Ph.D. pela Universidade de Zurique, ele iniciou a sua busca de um sentido mais científico da Ciência Cristã, juntando-se ao grupo de pesquisadores de John W. Doorly em 1938. No início da Segunda Guerra Mundial, regressou à Suíça, onde em 1948, depois de uma bem sucedida carreira empresarial, sentiu-se impelido a dedicar todas as suas energias à pesquisa, educação e prática da Ciência da Ciência Cristã. Por mais de 60 anos escreveu numerosos livros e ministrou cursos sobre o tema na Suíça, Alemanha, Inglaterra, e Estados Unidos. Seus trabalhos se encontram publicados em alemão e inglês, e textos seletos em francês.

A obra de Kappeler se baseia completamente na Bíblia, nos escritos de Mary Baker Eddy. Ela representa uma abordagem científica do campo espiritual, um trabalho que desafiará, inspirará e oferecerá uma vida de estudos aos que buscam um entendimento profundo de Deus, do homem, e do universo.

## Sobre a Ciência da Ciência Cristã

**John W. Doorly**, de Londres, Inglaterra, (1878–1950) foi o primeiro a pesquisar seriamente aquilo que a Ciência Cristã entende por Ciência. Por que é denominada “Ciência”? O termo se justifica? E em caso positivo, como e por que? Durante sua vida, dedicada à Ciência Cristã como praticante, leitor e presidente da Igreja Mãe (1919–1920), ele discerniu, passo a passo, a ordem e o sistema da metafísica divina implícita no Livro-Texto da Ciência Cristã, *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras* de Mary Baker Eddy. Doorly apresentou seus achados em cursos, livros e as extensas *Palestras sobre a Ciência da Bíblia*, publicadas textualmente.

**Max Kappeler**, da Suíça (1910–2002). Na sua obra, o Dr. Kappeler permaneceu fiel ao seu professor John W. Doorly, e expôs o sistema fundamental da Ciência da Ciência Cristã descoberto por Doorly.

Este sistema é constituído por três categorias ontológicas básicas que compreendem a essência da Ciência Cristã contida no Livro-Texto. Estas categorias denominadas o sistema de referência divino são:

1. **“Os 7”** . A natureza de Deus definida no Livro-Texto da Ciência Cristã através dos 7 termos sinônimos: “Deus é Mente, Espírito, Alma, Princípio, Vida, Verdade, Amor, incorpóreos, divinos, supremos, infinitos” (C&S 465:9).
2. **“Os 4”** . A operação quádrupla de Deus derivada dos quatro lados da Cidade Santa, o ápice da revelação bíblica: o Verbo, o Cristo, a Cristandade, e a Ciência.
3. **“Os 4”** . Os quatro níveis da Ciência, conforme sua descrição no Livro-Texto, a saber, Ciência em si, Ciência divina, Ciência Cristã absoluta, e Ciência Cristã.